A CENA MUDA

Cine-novela: "SOMOS TODOS ASSASSINOS"

A moda esportiva em Hollywood

NA INTIMIDADE DOS ROSSELINI

AS ÚLTIMAS DO CINEMA NACIONAL

Nº 35 ★ 26-3-53 ★ Cr$ 4,00 EM TODO O BRASIL



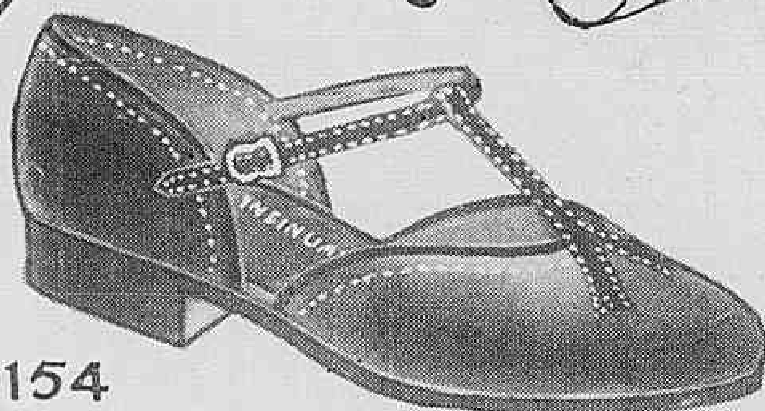
OSCARITO ENSINA A ARTE DE FAZER RIR

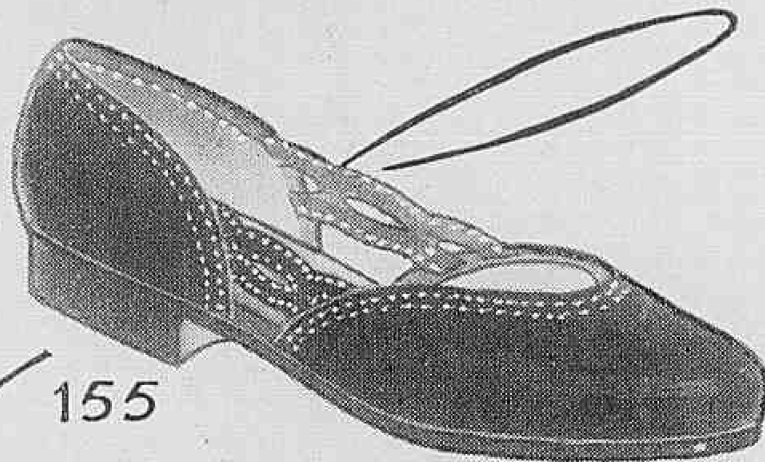
(Reportagem no texto)

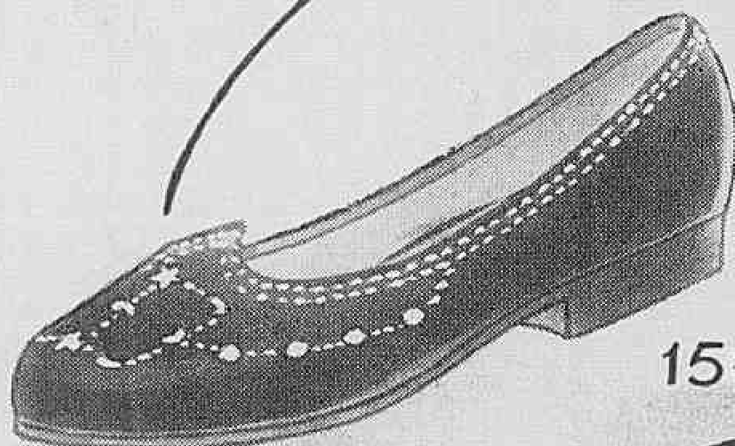
AT. SEMOG/.



150 CRUZEIROS







- TODAS AS CÔRES
- NUMERAÇÃO DE 32 Á 38
- ÓTIMA CAMURÇA COM GUARNIÇÕES DE PELICA OU VERNIZ.
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR.$ 5,00
- NÃO FAZEMOS REEMBOLSO

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição.

insinuante

CARIOCA, 46-48 / 7 de SETEMBRO, 199-201

CONVERSA da Semana

MOACIR FENELON

A 14 de agôsto de 1953 morria Moacir Fenelon. O cinema brasileiro se cobriu de luto, e a maior consternação invadiu a alma dos que o conheceram pessoalmente e com êle conviveram. Moacir, um dos mais abnegados pioneiros da nossa produção fílmica, lutou tenazmente contra as maiores adversidades na seara da cinematografia nacional de longa metragem. Nunca se deixou dominar pelo desânimo. Era um bravo, um homem cheio de fé no futuro do cinema brasileiro. Seu maior sonho foi a fundação da "Atlântida". Tivemos ocasião, há mais de dez anos, de visitar o escritório em que instalara a Companhia. Fenelon, primeiramente organizara o mais completo fichário sôbre cinemas existentes no país. Naquele tempo pôde catalogar cêrca de mil e oitocentas casas exibidoras. Contou-nos os percalços que ia encontrando a cada passo, especialmente na venda de ações, cada uma a cem cruzeiros, podendo-se pagar em dez prestações mensais. Mais tarde, porém, teve que aliar-se aos irmãos Burle, os quais, interessando ainda o Conde Pereira Carneiro, transferiram a secção comercial da "Atlântida" para o andar térreo do "Jornal do Brasil", emprestando-se à iniciativa, caráter de maiores possibilidades e inspirando-se ao público mais ampla confiança. Em 1943, se não estamos enganados, firmava-se o primeiro contrato para a rodagem de "Moleque Tião", num momento em que estava no Rio o famoso diretor John Ford, que assistiu à filmagem. Tudo correu muito bem, e o filme constituiu ruidoso sucesso, cabendo ao mesmo o "nascimento" de Grande Otelo como astro de primeira grandeza em nosso incipiente cinema de argumento. Fenelon, porém, como todos os demais produtores, continuava a sofrer as consequências da distribuição e da exibição, os males fundamentais do cinema nacional. E assim morreu, sem ver os resultados definitivos de todos os seus esforços, de suas canseiras, de seus extenuantes esforços. Ultimamente, nem mesmo estúdios tinha para rodar os filmes que programava. Produtor livre, realizando películas sob o sistema de cotas, era como um herói em procura de batalhas. Morreu moço, com o coração esmagado pelas decepções, mas nunca vencido pela descrença. Que se promova a creção de um marco em memória a êsse pioneiro do cinema brasileiro, batalhador infatigável, que morreu porque não pôde cumprir as advertências médicas, tal era o seu amor ao trabalho, a sua dedicação ao nosso cinema.

RENATO DE ALENCAR

GENTE NOVA



Entre as carinhas novas do cinema, Jeanne Cooper é uma das «estrêlas» em ascenção nos estúdios da Universal. Seus filmes não demoram a estrear no Brasil para que ela ganhe novos fãs.



A sorridente e muito nova Noreen Michaels, também da Universal, prepara-se para tomar de assalto os corações masculinos, ciente de que isso será muito fácil, sorrindo assim como a vemos . . .



Marga Lopes, «estrêla» do cinema mexicano, embora popularíssima em seu país, só agora começa a despertar entusiasmo entre os fãs brasileiros. Ela vem aí com Arturo de Cordova.

A CENA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

TELEFONES

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

Representante nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818, N. Whitley — Av. — apt. 202, Hollywood, 28, California

EM S. PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69, Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

ENDEREÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

SUMÁRIO

Conversa da Semana	3
Oscarito ensina a arte de fazer rir	4/5
Cine-novela: «Somos Todos Assassinos»	6/7
Cine Variedades	8/9
O Adeus de Robert Walker	10
Heróis fora da tela: Stanley Kramer	11
Rádio	12/13
A vida do cinema	14
Cine-romance: «A Mulher que Inventou o Amor»	15/17
A moda esportiva em Hollywood	18/19
Cinema nacional em foco	20/21
Dois birutas da mesma carne	22/23
Cine-novela: «Homens em Revolta»	24/25
Bastidores	26/27
Correio de Roma	28/29
Página do Leitor	32/33

NOSSA CAPA



Oscarito, o comediante número um do cinema nacional, ensina a arte de fazer rir nas páginas 4 e 5 desta edição. Aproveitem!



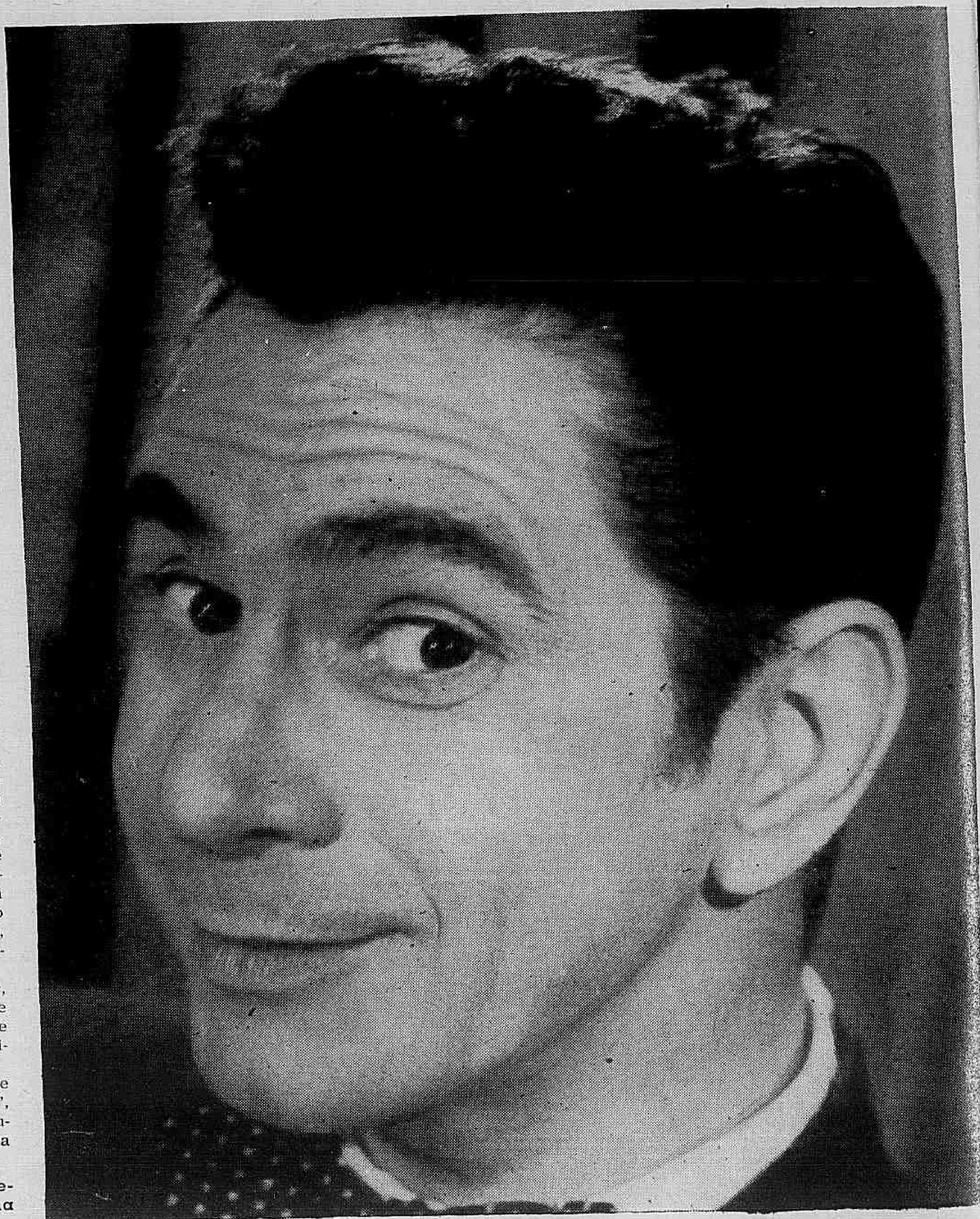
OSCARITO

ENSINA A ARTE DE FAZER RIR

O COMEDIANTE NÚMERO UM DO CINEMA BRASILEIRO, FALA SÔBRE COMICIDADE DE TEATRO E CINEMA, REVELANDO SUAS PREFERÊNCIAS ★ FALA SÉRIO, AQUÊLE QUE FAZ RIR O BRASIL, DE NORTE A SUL...

Texto de **GILMAR DIAS**

Oscarito e seu inseparável companheiro de comédias no cinema, Grande Otelo. Dois grandes artistas do gênero cômico.



Alguém, naturalmente entusiasmado com a maneira espontânea de nosso cômico número um, Oscarito, disse a seu respeito:

— E' o Chaplin nacional!

Claro que existe muito de exagêro na afirmativa, reconhecendo-se o valor extraordinário de Chaplin como artista, mas não fugiremos muito da verdade, dizendo que Oscarito aproxima-se do tipo ideal de comediante, embora muita gente ache nesse meio tempo de sua carreira, algo vertiginosa, que êle se repete de filme para filme. Nós diríamos que Oscarito procura conservar aquilo que o público mais aprecia no seu trabalho, desempenhando mais ou menos da mesma maneira, sem que, com isso, prejudique o personagem em foco.

Temos assistido as maiores demonstrações de simpatia do público para com Oscarito, sem dúvida alguma, um campeão na arte dificílima de fazer rir.

Nos estúdios da Atlântida, atualmente, Oscarito desempenha o papel de um moderno Sansão, e foi assim que o vimos, cercado de fãs e de colegas, sempre muito natural e espontâneo.

O toque de humanidade que êle dá em seus papéis, no cinema ou no teatro de revista, tem lhe valido tôda a fama e prestígio que desfruta, transformando-se em "alguém" muito íntimo do povo, êsse personagem que sofre, ri e se decepciona com as menores coisas da vida, a rotineira, aquela que vivemos todos nós, dia após dia.

A arte de Oscarito, já afirmamos, não é nada fácil. O cômico tem obrigação de manter o público de bôca aberta, dando gargalhadas, mesmo que o texto não ajude. Nesse ponto é que o artista demonstra valor e vocação. Quem poderá dizer, sem errar, que a maioria dos papéis interpretados por Oscarito, não possuía o mínimo de concessão ao hilariante, e foi o artista quem conseguiu traduzi-los na linguagem popular, alcançando o resultado esperado, isto é, fazendo rir durante tôda sua presença no palco ou na tela, principalmente na tela, onde êle aparece com maior freqüência, agora que é verdadeiramente um elemento do cinema brasileiro? O "caco", para usar o têrmo tão usado na gíria artística, é o forte de Oscarito, assim como o "gag" americano tem feito a fama de Red Skelton, Bob Hope e Danny Kaye, para citar os mais famosos comediantes do cinema de Hollywood.

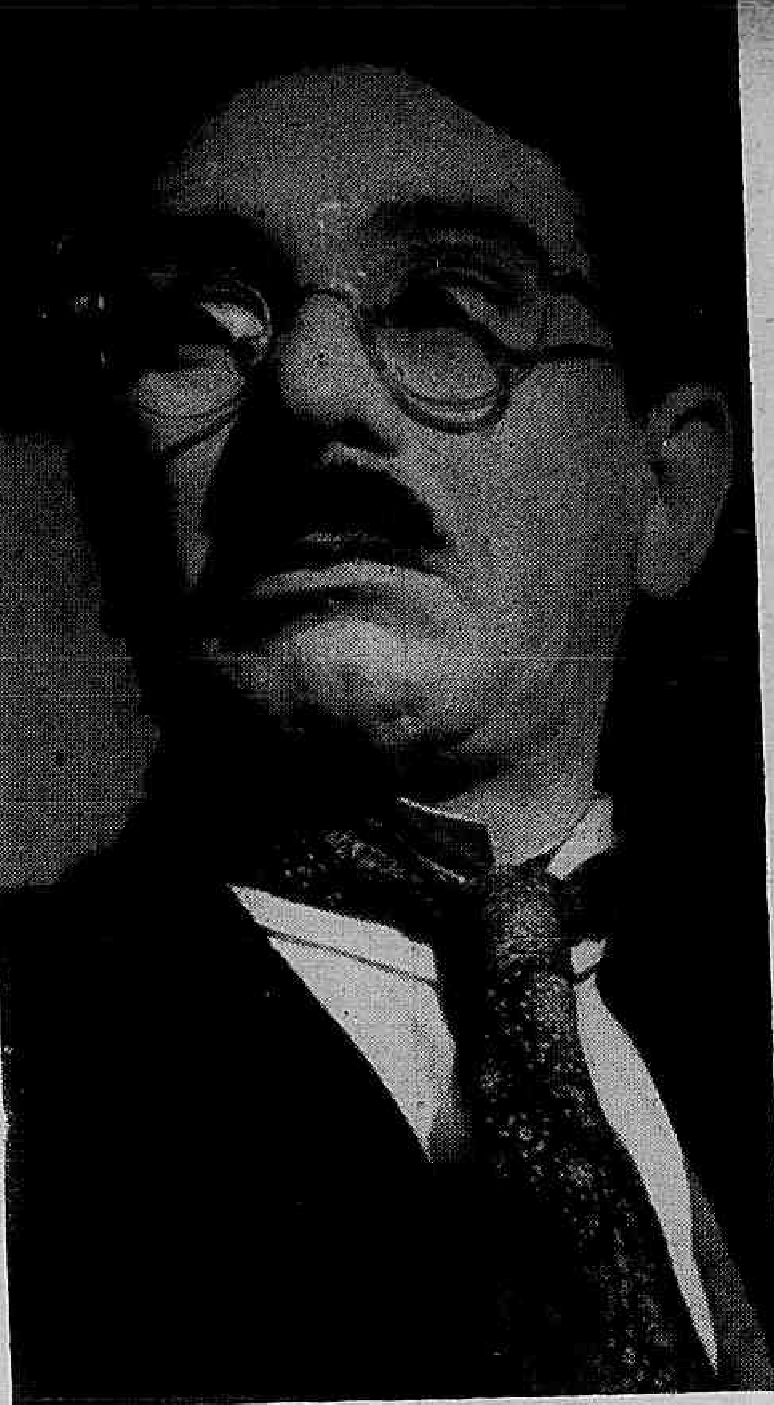
Oscarito nada fica a lhes dever nesse particular, porque aprendeu a arte dificílima de fazer rir e aperfeiçoou seus conhecimentos, sendo atualmente nosso cômico número um, por justiça e merecimento.

Lembramos aqui um papel interessantíssimo que êle viveu no famoso "Êste Mundo é um Pandeiro", primeiro filme nacional a alcançar rendas fabulosas, primeira demonstração de que Oscarito era

No cinema, Oscarito tem podido usar com freqüência seus recursos histriônicos, base de sua arte de fazer rir.



No palco, Oscarito é o mesmo artista engraçado, e no carracterístico, tem feito sucesso.



Ei-lo num papel cinematográfico de grande êxito no filme «Fantasma por acaso».



Oscarito formou com Dercy Gonçalves uma dupla cômica das mais notáveis de nosso teatro de revistas.

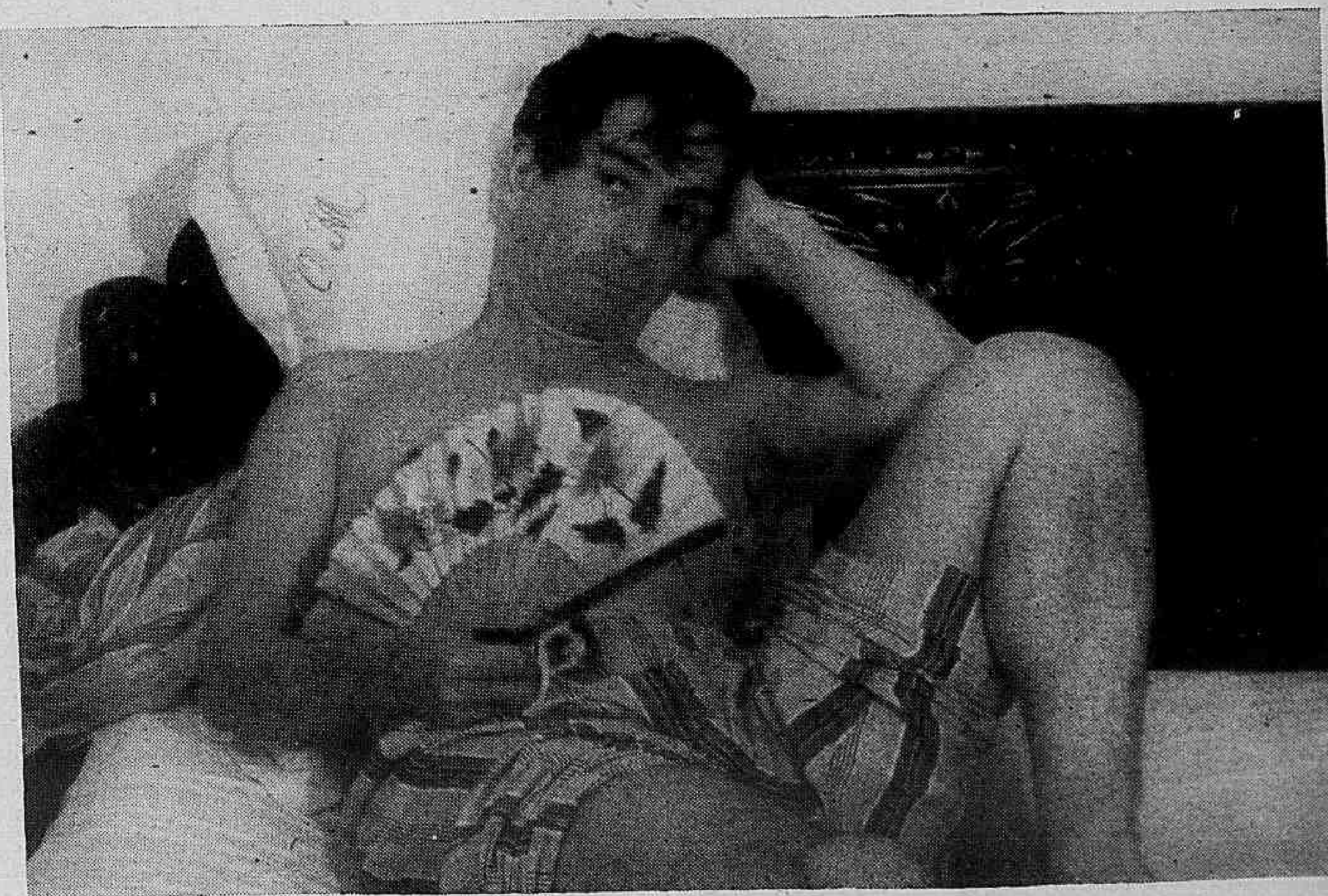
cartaz em todo o Brasil, do norte ao Sul, e não apenas dos cariocas. Nessa época Oscarito encabeçava o elenco do Recreio, na companhia de Walter Pinto. Vimo-lo no palco e achamos o Oscarito do cinema, ainda mais humano e podendo, principalmente, lançar mão de seus infindáveis recursos histriônicos. As "caretas" que êle faz, no cinema, podem ser apreciadas pelos fãs, muito mais que no palco do teatro, permanentemente em "medium-shot", para citar um têrmo de filmagem. No cinema não há limites. Oscarito, de "Carnaval no Fogo", era bem diferente do Oscarito de "Três Vagabundos" e por que? Êsse filme provou que Oscarito pode fazer papéis dramáticos sem confundir sua arte de comediante. Êle tem vivido personagens que combinam drama e farça, muito melhor que a maioria das criaturas de ficção, lançadas nas comédias "non-sense". As "palhaçadas" de Oscarito em "O Mundo se Diverte", nos deixam admirar ainda mais o Oscarito de "Três Vagabundos". Se os produtores atentarem para êsse fato, tratarão de aproveitar o artista em comédias ligeiras não baseadas apenas nos trejeitos e histrionismos, procurando tirar partido da qualidade humana do conhecido e aplaudido comediante do cinema brasileiro.

Agora mesmo, Oscarito vai retornar ao palco para viver ao lado da espôsa e da filha, uma comédia naquele estilo, e, temos certeza de seu sucesso. Era tempo de aproveitar a fama e prestígio para levar aos seus fãs aquilo que êle sente muito mais: o lado humano da vida, que por ser humano, é quase sempre ridículo. Dêsse ridículo, Oscarito retira a sua mensagem, assim como Chaplin em tantos filmes.

Falamos ligeiramente com Oscarito, num intervalo de suas filmagens, na Atlântida, com uma pergunta indiscreta. Mostramos desejo de saber, com detalhes, alguma coisa, sôbre a arte de fazer rir, e êle nos disse com uma ponta de malícia, até aceitável:

— São coisas que se aprendem e são difíceis de ensinar... Do meu tempo de circo eu trouxe a experiência de lidar com a variedade de público, pois considero que foi a minha melhor escola. No teatro de revistas, aperfeiçoei tudo que aprendera quando não era ninguém. Cada gargalhada de meus fãs tem um significado especial para mim. Representam o coroamento de um esfôrço, pois não pensam que fazer rir é corriqueiro e fácil. Demanda estudo das reações e o cômico, no fundo, é um grande psicólogo. Sem essa característica de poder sentir à distância como seu público receberá esta ou aquela piada, ninguém fará sucesso como comediante. Em todos êsses anos tenho aprendido à cada nova apresentação, seja no palco, nos estúdios cinematográficos ou na rua. Eu não encaro meus personagens como figuras cômicas, mas simplesmente personagens da vida, colocados à margem de tudo que é normal, expondo-se ao ridículo, provocando o riso, quando muitas vêzes merecem piedade. Perdôe-me a franqueza, mas a arte de fazer rir não se ensina, aprende-se tão sòmente na escola da vida, com êsse mestre severo que é o mundo. O cotidiano nos dá elementos para enviar uma mensagem. Estarei satisfeito no dia em que puder usar a minha arte para dizer alguma coisa...

O infalível assistente de diretor avisava Oscarito de que a filmagem de "Nem Sansão, Nem Dalila", ia começar e era impossível seguir com a entrevista. Êle se foi, cercado de colegas e fãs, para o seu trabalho diante das "cameras". Embora caracterizado como um Sansão e provocando à sua passagem tanta hilaridade, víamos em Oscarito o artista ainda por explorar, a figura humana da grande comédia que é aquela que vivemos todos nós no palco imenso, onde o espetáculo não pára, aconteça o que acontecer... (Fotos Atlântida e Arquivo de "A Cena Muda").



Até mesmo em casa, quando descansa de sua vida agitada de artista, Oscarito faz rir à filha e a espôsa em poses como esta!...



ELENCO

René Le Guen — **Marcel Mouloudji**; Gino — **Raymond Pellegrin**; Michel Le Guen — **Georges Poujouly**; Dutoit — **Antoine Balpetre**; Advogado Arnaud — **Claude Laydu**; Bouchet — **Julien Verdier**; Yvonne Le Guen — **Yvonne Sanson**; Dr. Detouche (médico da prisão) — **Amedeo Nazzari**; Malingré — **Marcel Peres**; Mme. Sautier — **Juliette Faber**; Arnaud (pai) — **Henri Vilbert**; Mme. Arnaud — **Line Noro**.

Argumento:
André Cayatte e **Charles Spaak**

Direção:
ANDRÉ CAYATTE

Uma seleção «Cofram» apresentada pela FRANÇA FILMES DO BRASIL

René Le Guen era a máscara do sofrimento e um libelo contra a sociedade que jamais cuidara de seu futuro!

CINE-NOVELA

Somos todos ASSASSINOS

Estamos na França ocupada pelos alemães. Um bando dêles procura no alto do morro algum traidor "maqui" fugitivo. O oficial germânico fuma imperturbàvelmente o seu cigarro, enquanto os tambores de uma pequena tropa, tocam sem cessar, num ritmo surdo e quase impossível de suportar. O pequeno Michel Le Guen, maltrapilho e faminto, espreita o oficial com olhos medrosos. Sua fisionomia deixa ver claramente que êle vive na miséria, moral e material daqueles dias tormentosos. Um cigarro é jogado displicentemente sôbre a grama e o garôto apressa-se em recolhê-lo, fugindo dali.

Mais adiante, algumas criaturas procuram nos despojos, alguma coisa que possa valer dinheiro na cidade. São abutres humanos que a miséria transformou em animais sem coração, muito longe de supor que já tiveram honra algum dia e vergonha de parecer tão pobres e miseráveis.

O pequeno Michel aproxima-se de casa, passando por um lugarejo de aspecto sombrio e despojado de qualquer limpeza. Êle mora num barraco que é o último refúgio de tanta gente desesperada e sem rumo, suportando a ocupação alemã que não lhes permite viver decentemente.

Cuidadosamente Michel abre a porta e vê com satisfação que o irmão está dormindo. Pode completar a sua "obra". Adianta-se cauteloso, apanha uma caixa que está escondida por baixo da cama tosca, e junta a algumas centenas de pontas de cigarro, aquela que o alemão desprezara. Aquêle é o seu tesouro, a sua fortuna, a moeda com que pagaria na taberna um pedaço de pão. Ainda contemplando o seu tesouro, Michel não percebe que a mão rápida de seu irmão maior, René, segura-lhe o pulso. Êle grita, esperneia. Os dois lutam mesmo com a diferença evidente de fôrças. René é um bruto insatisfeito e arranca das mãos do irmão a caixa com as pontas de cigarro.

— Isso é meu! Isso é meu! Ladrão!

René joga Michel para longe, sem ligar que pode machucá-lo. Nisso entra a velha mãe, arquejante e miserável, exibindo um pedaço de espelho que encontrou no lixo.

Michel choraminga que o irmão roubou o seu tesouro. Ali não



A Le Guen, ensinaram apenas a matar para viver!



Rachel recusou a proposta de René, ofendendo-o!

há piedade e a velha mãe pouco se importa com o que acontece ao filho menor. Recomenda-lhe apenas, enquanto se olha no espelho partido:

— Com isso você aprenderá a ser mais cuidadoso...

E' a lição duramente aprendida. Michel ainda tenta reaver o seu tesouro, mas René ameaça-o com uma bofetada e se vai, levando nos bolsos a "moeda" que poderá satisfazer os seus vícios. Michel se queixa:

— Estou com fome!

Ninguém faz caso de sua fome. A guerra transformou cada sêr num inimigo que luta para conseguir comer, onde existe tão pouco alimento.

Michel resolve sair também para seguir René e acompanha-o de longe, os olhos compridos, até à taberna. Fica do lado de fora, olhando pelo vidro sujo e vê quando o irmão joga sôbre o balcão um punhado de pontas, reclamando uma bebida. O taberneiro é velho conhecido de sua miséria e alegra-se de tê-lo agora como um freguês. Êle está no momento regateando com Rachel, que outrora fôra a mocinha mais linda e atraente do lugar. Hoje é apenas um trapo humano, pálida e sem vida, deixando perceber que por tras de sua roupa surrada, existe um corpo ainda quente de carícias proibidas. Enquanto bebe, René observa Rachel, que parece não ligar muito à sua presença. Êle se aproxima humilde, embora ansioso de possuí-la e exibe outro punhado de pontas, dizendo orgulhoso:

— Quer beber também? Eu posso pagar!

— Não... não me interessa o seu dinheiro...

René sente nas palavras da jovem um desprêzo enorme e tem vontade de agarrá-la e mostrar sua fôrça, mas limita-se a responder no mesmo tom de hostilidade:

— Não há muito que escolher, pequena... eu sei muito bem que você aceita outros...

Rachel não se intimida e retruca:

— Os outros pelo menos tomam banho...

René está a ponto de estourar, pois seu desejo por Rachel, aumenta cada vez que êle a vê, orgulhosa dentro de sua miséria. Chega o taberneiro com um quilo de açúcar, pagamento por um par de sapatos velhos, e Rachel levanta os olhos expressivos, embora sem brilho, agradecendo. Ela sai sem olhar para René, que junto ao balcão reconhece a sua inferioridade e principalmente a sua condição de homem sujo.



René era um bruto. Vivia no pior ambiente da França ocupada pelos almães!

O taberneiro repara então em Michel com o rosto colado ao vidro da porta e fala a René, que resolve pagar alguma coisa para o irmão. Enquanto o pequeno bebe, êle pergunta:

— Ainda zangado comigo?

Michel, na sua inocência, não sabe odiar e com a cabeça responde negativamente. Estão assim distraídos quando alguém pára junto à janela e faz sinais ao taberneiro, indicando René. E' um amigo, sem nome e sem origem, que o rapaz vai atender bem longe da taberna. O homem traz uma notícia inquietante:

— Sua irmã meteu-se com um "boche" e se deu mal... E' preciso tirar o corpo antes que seja tarde...

— Que me importa minha irmã? Ela que se arranje!

Havia nas palavras de René um profundo nojo da irmã, que desde cedo tomara o caminho da prostituição. Deixara a casa ainda criança e começara a viver nos piores antros de Paris, usando a sua beleza para ganhar dinheiro. Era ambiciosa e orgulhosa também. Não ajudava a família e agora metia-se em encrencas. René pouco se importava que ela fôsse eliminada pelos alemães.

— O homem notava a sua indiferença e achou melhor ser claro de uma vez:

— Se você tirar o corpo a tempo, o dinheiro não será pouco. Então? Aceita?

— Quero o pagamento adiantado. Fale isso com seu patrão.

— Está bem. Às onze horas, no café.

— Está combinado. Lá estarei.

* * *

No café, onde se desenrolava o drama, um dos "boches" bebia, abraçado a uma companheira de Yvonne, a irmã de René. O dono, medroso, olhava o relógio. Faltava pouco para as onze horas. Êle combinou com a mulher:

— Quando êle entrar, leve-o para os fundos.

O "boche" pedia mais bebida, batendo na mesa. A sua companheira soltava gargalhadas, aceitando carinhos impertinentes. Eram os únicos fregueses naquele momento, mas a patrulha alemã não tardaria a chegar para a inspeção habitual.

Na hora combinada Rene entrou no café, trazendo um saco na mão. Michel ficara do lado de fora, nos fundos, com um realejo imprestável que serviria para a tarefa.

(Continua no próximo número)



As duas garôtas infernais: a loura Marylin Monroe e a morena, Jane Russell, causam sensação nos estúdios da Fox onde filmam «Os Homens Preferem as Louras», embora pareça mais claro que êles não sabem entre os dois tipos, qual escolher. Trata-se de um filme interessante, com a presença das duas queridas «estrêlas», exuberantes de «glamour»...

CineVariedades

RETRATO DE MEL FERRER

Um monte de ossos articulados para o êxito, eis como Gregory Peck descreve a figura de Mel Ferrer. Clifton Webb, entretanto, já o define de maneira diferente, dizendo que o "astro" da Metro, é a desfaçatez personificada.

Provàvelmente dizendo isto, Webb está se recordando de um dia, há cêrca de dez anos passados, quando recomendou a um amigo de um amigo, para que fôsse dado a Mel Ferrer o lugar de bailarino, em um novo espetáculo, que deveria ser estreado na Broadway. Tratava-se da peça de Noel Coward, intitulada "You Never Know". Ferrer assegurou ao diretor que era bailarino e foi-lhe dado o lugar. Imediatamente êle desapareceu e ninguém o podia encontrar. E' que Ferrer havia ido tomar uma aula de dança que durou perto de duas horas. Mas, apesar disto, Ferrer apresentou-se em cena e pelo visto, com bastante desembaraço, pois, conseguiu imediatamente outro papel, como bailarino, na comédia musical "Everything I Roam".

E hoje êle dança, nada mais, nada menos, do que com Leslie Caron, a "estrelinha" francesa da M.G.M. e... se enamora dela. Isto tem lugar no filme "Lili", em cenas cheias de encanto, que se desenrolam num ambiente circense, em França.

Uma lição de dança de duas horas, há dez anos passados e agora êle acredita que seja um Fred Astaire ou um Gene Kelly, disse Clifton Webb, quando Mel Ferrer lhe telefonou, anunciando sua atuação junto da excepcional atriz e bailarina francesa.

A verdade é que para Mel Ferrer nada é impossível. O ganhar a vida jamais foi problema para mim, afirma êle.

A despeito de sua energia nervosa, seu caráter amigável, sua esplêndida coleção de músicas modernas, o jatar-se de que sua espôsa é quem lhe engoma pessoalmente as camisas, seu temperamento inquieto e sua tendência para encarar a vida com o máximo de bom humor, êle se entrega sèriamente a seu trabalho. E no fundo êle é um perfeccionista.

Poder-se-ia acrescentar que êle não a acha monótona, pois, já foi muita coisa neste mundo. Por exemplo: mecânico de acumuladores elétricos, redator, empregado de uma lavanderia, mensageiro de uma mercearia, publicista, jardineiro botânico, produtor de peças teatrais, diretor cinematográfico e também escritor. Por falar em escritor, diga-se de passagem, que Mel Ferrer escreveu sua primeira obra, quando tinha apenas oito anos de idade. Escreveu-a e êle mesmo a representou para a garotada da vizinhança. Com isto ganhou dois dólares e quatro bolinhas de vidro. Mais tarde, como estudante da Universidade de Princeton, escreveu uma peça para o teatro de estudantes e ganhou cinqüenta dólares. Com êsse dinheiro passou uma temporada no México e ali voltou a escrever. Desta vez foi um livro infantil, do qual já vendeu mais de vinte mil exemplares.

★

Anne Baxter anda viajando pela Europa. Dizem que é para esquecer John Hodiak e parece mesmo, porque a querida "estrêla", agora tão loura e glamurosa, não aceita muito a companhia de admiradores, preferindo andar ao lado da mamãe. Pode ser também que tenha criado juízo e não queira viver romances de conseqüências desagradáveis...

★

Uma coisa que surpreendeu muita gente, foi a decisão da Comissão de Imigração dos Estados Unidos, determinando a deportação do cantor Dick Haymes, agora no auge de seu romance com Rita Hayworth. Acontece que o artista contratou os serviços de famoso advogado e espera ganhar na justiça superior. Rita contratou também um



O diretor argentino Carlos Hugo Christensen estêve com a reportagem de A CENA MUDA no Aeroporto Santos Dumont, antes de embarcar rumo a Bahia, onde filmou os exteriores da película «Maria Madalena», estrelada por Laura Hidalgo e grande elenco. Carlos Hugo Christensen recebeu um prêmio com seu primeiro filma na Venezuela, «La Balandra Isabel clegó esta tarde».



Miss América, Neva Jane Langley, visitando os estúdios da Fox, fêz questão de conhecer Dale Robertson, que na ocasião filmava «City of Bad Man». Dale, como sabem os fãs brasileiros, é a nova sensação masculina do cinema de Hollywood, despontando como grande bilheteria. Miss América manifestou desejo de aparecer com Dale num filme, coisa que os produtores prometeram estudar...



Durante sua recente viagem a Londres, onde foi matar saudades dos estúdios que o consagraram grande «astro» cinematográfico, James Mason ganhou um curioso bôlo de presente, reconstituindo um «set». Ei-lo aqui cortando a preciosidade em companhia de Elizabeth Allan, Claire Bloom, Hildegardo Neff e Ann Todd. É possível que Mason faça um filme em sua terra natal.

causídico para ajudar Dick na questão. Enquanto isso a espôsa move uma campanha de descrédito contra Haymes, acusando-o de leviano e irresponsável. E' bem possível que isso pese na balança e mr. Haymes tenha de rememorar sua língua materna, a caminho de Buenos Aires...

★

As ex-espôsas de Errol Flynn: Nora e Lily, queixam-se aos tribunais que o "astro" não lhes paga a pensão devida. Errol parece estar em péssima situação financeira, apesar de no momento colocar quase todo seu dinheiro em produções na Itália. Patrice Wymore espera um bebé, é bom que se diga...

★

Apesar de todos os boatos, José Ferrer e Rosemary Clooney estão casados e satisfeitos. Deram assim uma prova pública de não ligar, em absoluto, para os maus conselheiros e os mexeriqueiros de Hollywood.

★

Elaine Stewart, uma das atrizes jovens mais populares de Hollywood, personifica Ana Bolena, uma das espôsas de Henrique VIII, no filme da Metro, "A Rainha Virgem", cujos principais intérpretes são: Jean Simmons e Stewart Granger, marido e mulher na vida real.

★

Esther Williams está soberba em "Salve a Campeã", sua nova película em Hollywood, onde todos cantam, riem, amam e nadam... Esther, muito feliz, aguarda mais uma visita da cegonha...

★

June Allyson acaba de rescindir seu contrato com a Metro, companhia onde trabalhou durante dez anos. Explicando o fato, ela disse que há muito pretendia filmar com o espôso, Dick Powell, agora também Diretor. Ela aparecerá na nova fase de sua carreira, no esperadíssimo "The Glenn Miller Story", sôbre o famoso "band-leader", tràgicamente desaparecido.



Essa «estrelinha» de plástica admirável, chama-se Ann Brancroft e só agora começa a subir em Hollywood. Na Fox ela filma «The Kid From Left Field», com Dan Dailey, e aproveita os domingos para exibir-se no «Portuguese Bend Beache Club», fazendo furor entre os admiradores que aumentam cada vez que ela aparece. Ann Brancroft, tomem nota, vai muito longe...



O que aconteceu a Robert Walker deixa nos fãs uma dúvida cruel: valerá a pena viver entre as luzes multicores da fama, bafejado pelos aplausos e beijado diàriamente pela deusa felicidade? Haverá mesmmo felicidade no mundo irreal dos artistas?

Um telegrama lacônico disse na imprensa: morreu Robert Walker, explicando mais adiante, com uma frieza incômoda: no hospital onde se internara para curar os acessos provocados pelo excesso de bebida alcoólica.

Robert Walker, todos sabiam, era uma criatura infeliz, apesar dos êxitos de sua carreira. Não se dava bem com a espôsa, e deixava-se vencer por uma irresistível melancolia, sòmente curada nos vapores do álcool. Êsse foi o motivo da queda que sofreu na sua vida artística e foi o motivo também de sua morte prematura, quando os amigos e os colegas esperavam uma reabilitação de sua parte.

Aparentemente, Robert Walker esquecera o seu drama íntimo, mas na realidade sofria terrivelmente, afogado em profundas mágoas que ninguém poderia dissipar. Diziam também que a família, reprovando seu procedimento, aumentava-lhe o tédio de viver e sua fuga desesperada pelo caminho fácil da bebida, era o recurso próprio de um homem vencido e desalentado. Correu tanto que um dia o coração sentiu todo o pêso de sua vida desregrada e falhou. Parou de bater e êle fechou os olhos para o mundo de luzes intensas em que havia existido sem jamais sentir-se verdadeiramente feliz, apesar de invejado e aclamado como grande artista!

O último desempenho de Robert Walker foi na Paramount, em "Não Desonres Teu Sangue", onde irônicamente interpreta o papel de um rapaz iludido com o falso mundo extremista. Um caráter fraco animado pelas aventuras proibidas, tal como em eertas ocasiões da sua própria vida, devia pensar Walker, enquanto lia o "script". Era muito comum para êle certas passagens daquele enrêdo, e sua alma devia estar dilacerada diante daquele espelho original, onde via refletida sua imagem, a imagem de um homem perdido no torvelinho das desilusões mais duras de suportar!

Robert Walker talvez sentisse que seu fim estava próximo, porque nesse desempenho êle rendeu o máximo como artista, demonstrando pela última vez que Hollywood rendia-lhe justas homenagens como "astro", porque talento êle inegàvelmente possuía!

Os fãs de Robert Walker assistirão a "Não Desonres Teu Sangue", com lágrimas nos olhos, lágrimas que traduzirão tôda a saudade que seu nome pode despertar pelo muito de querido que sempre foi no coração sincero dos admiradores. O exemplo de sua morte serve hoje para os artistas mais jovens que se deixam iludir com as aventuras fáceis, nessa Hollywood, cruel quando deixa de ser humana, para ser apenas uma das muitas faces do mundo! — (Fotos Paramount).

O adeus de ROBERT WALKER



Robert Walker em uma cena vibrante de seu último filme: «Não desonres teu sangue», da Paramount. Foi um adeus do talentoso astro, prematuramente desaparecido para tristeza de milhares de fãs.

Stanley Kramer, conhecido também como o «Salvador de Hollywood», é um produtor inteligente que faz cinema por ideal. Costuma discutir com seus atores (no flagrante, com Frederich March em « A Morte do Caixeiro Viajante ») detalhes da cena a ser filmada. É exigente, tem bom gôsto e sabe escolher seus colaboradores. Tudo isso lhe valeu a fama e o prestígio que desfruta na cidade do cinema. Mesmo fora da tela, é conhecido dos «fans» que vêem no seu nome, uma garantia.



Heróis fora da tela

Stanley KRAMER



O produtor cinematográfico de hoje, é como o artista de há três ou quatro séculos, que ocupava metade de seu tempo em escolher e mesclar suas côres, fabricar seus próprios pincéis e suas "telas" — disse certa vez o produtor Stanley Kramer.

Observe-se que nessa frase não se fala do custo dos objetos que o artista devia encontrar. Stanley Kramer sabe perfeitamente que em qualquer parte do mundo, e muito mais em Hollywood, o fator econômico rege a produção. Seus longos anos de trabalho nos estúdios, primeiro, no departamento literário da M.G.M., depois, como assistente de produção de David Loew, e mais adiante, como realizador de filmes curtos de propaganda, trabalho que também fêz no seu tempo de tenente da armada ianque, e finalmente ao fundar sua própria companhia, dão a êsse jovem de 35 anos — nasceu em Manhattan, em 1913 — a segurança de um veterano.

Sua primeira película, "So this is New York", passou despercebida. Não falaremos aqui do filme seguinte, que o tornou famoso no mundo inteiro: "O Invencível", com Kirk Douglas, nem tão pouco de "O Clamor Humano", que fixou sua posição de herói fora da tela, por trás das "cameras", num importante momento de Hollywood, diante da concorrência da televisão e o desinterêsse de parte do público pelo cinema, que julgava em franca decadência.

Falemos das que vieram depois e das obras que estão programadas para o futuro. Em "Espíritos Indômitos", Stanley Kramer fêz duas descobertas valiosas: um diretor e um ator, respectivamente Fred Zinneman e Marlon Brando. Deu também oportunidade a um ator veterano, José Ferrer, para triunfar em "Cyrano de Bergerac". Fred Zinneman teria outro êxito em "Matar ou Morrer", que deu o "Oscar" a Gary Cooper.

Stanley Kramer, hoje famoso, não aproveita a fama e o seu nome de produtor, para lançar películas de baixa qualidade, porém de lucro certo. Êle prefere seguir o caminho mais difícil, mas também aquêle que proporciona maiores satisfações e um certo orgulho, perfeitamente justificado.

Na lista de seus sucessos podemos anotar "A Morte do Caixeiro Viajante", revelando outro diretor, Lazslo Benedek. "Meus Seis Criminosos" é a grande oportunidade do argentino Hugo Fregonese.

Em 1952, Kramer produziu um filme discutidíssimo pela originiladidade do tema e desenvolvimento, "Os 5.000 Dedos do Doutor T", uma fantasia em tecnicolor, sôbre o que imagina um garôto que não pode e deseja tocar piano.

(Cont. na pág. 34)

Rádio

A PEQUENA REPORTAGEM

ELA...



ZEZÉ GONZAGA começou cantando ao microfone da Rádio Clube e desde logo firmou-se como uma intérprete segura da música popular, esforçando-se para melhorar. Essa dedicação valeu mais tarde quando o público reconheceu o seu valor e passou a aplaudi-la por meio de cartas encorajadoras. Nesse tempo, Zezé Gonzaga era apenas uma artista de relativo cartaz, isso porque a emissora onde atuava não lhe dava maiores oportunidades. Vitor Costa ouviu-a certo dia e mandou convidá-la para o "cast" da Nacional. Ali, Zezé Gonzaga passou a cantar nos programas de auditório e foi subindo. Sua criação de maior êxito: "Canção de Dalila".

ÊLE...



Chama-se Hamilton Santos e é um verdadeiro "brôto", na idade e no rádio, onde começou ao microfone da Tamoio, aperfeiçoando uma vocação para o rádio-teatro e a locução. Menino estudioso e dedicado à carreira que abraçou, Hamilton Santos vem de receber um prêmio justo: um contrato para atuar na Canadian Broadcasting Sistem, substituindo Cauhê Filho, que deixa aquêle pôsto após uma longa temporada de sucessos. Hamilton Santos, no Canadá, espera fazer bonito, e se tudo der certo, custará a voltar, mesmo que as saudades apertem. Lamentamos que assim seja, pois o rádio carioca não terá por muito tempo o seu concurso.

OS DESAPARECIDOS DO RÁDIO

Texto de JIM LOPES



Zezé Fonseca

Os fãs se importam com o «desaparecimento» dêste ou daquele artista, muito mais do que se possa pensar. As cartas indagando o roteiro atual de um «astro» ou «estrêla», cujo nome os microfones deixaram de anunciar, são rotineiras para o jornalista que atende a correspondência enviada pelos admiradores dos cartazes radiofônicos.

E' sem dúvida alguma, um direito que assiste aos fãs, saber com detalhes que fim levou o cantor ou a cantora que deixaram de dizer ao microfone, as melodias que faziam o sucesso de seu repertório, como também do rádio-ator ou rádio-atriz que já não falam nas novelas, pondo no personagem um pouco de sua própria personalidade em favor de um enrêdo, muitas vêzes sem graça, que salva-se quando é interpretado pela gente boa dos seriados.

Casos de «desaparecimentos» artísticos são comuns no rádio brasileiro, e na maioria dêles, pouco se pode falar quanto ao motivo que determinou o afastamento do artista da carreira que abraçara com tanto entusiasmo.

Corriqueiros são os casos das «estrêlas» que se afastam quando dizem ao sacerdote o «Sim» que une as criaturas diante do Senhor. Muitas delas preferem o sossêgo do lar ao lado dos filhos, aos aplausos dos fãs. Sentem saudade, sim, em alguns momentos da nova vida, mas acabam conformadas e perfeitamente «curadas» daquilo que se convencionou chamar de «microfone-mania», de resto, tão gostosa para os que vivem ainda na poeira dos sucessos radiofônicos.

Nesta pequena reportagem vamos falar de duas criaturas que não se igualam, é verdade, em popularidade, mas estão na lista dos «desaparecidos» mais recentes, sem que se saiba ao certo o motivo que os afastou para sempre do microfone. Será mesmo «para sempre»? Não acreditamos. Queremos lembrar dois nomes: Zezé Fonseca e Ivan de Alencar. Ela, segundo nos disseram, está na Argentina, gozando as delícias do lar, em companhia da criatura que escolheu para ser o seu amor definitivo. Deixou as novelas e o mundo fabuloso do rádio para encerrar-se como dama elegante, que mostra aos portenhos todo o «charme» da mulher brasileira. Parece que anda metida em negócios de «boites» e não consta que tenha aceito qualquer proposta para ocupar microfones argentinos, embora isso lhe seja fácil, com tamanho cartaz e experiência. Deve estar falando muito bem o castelhano, pelo menos sabe dizer como ninguém um «Yo te amo», fora das novelas, é claro!



Ivan de Alencar

Ivan de Alencar, «brôto» dos cantores, começou como todo mundo, nas festas e nas pontinhas, até conseguir um contrato na Nacional. Ali apareceu nos programas de auditório e ao fim do período, não teve seu compromisso renovado. Eclipsou-se e não se fala mais dêle. Ficaram como lembrança os discos que gravou no início de carreira tão curta, mas cheia de sucesso. O motivo de sua «fuga» é desconhecido, pelo menos até o momento em que escrevemos estas notas.

Ronda

Ari Barroso mandou dizer que está de malas prontas para regressar ao Brasil, decepcionado com o procedimento dos empresários que o levaram, mais sua orquestra, rumo a países sul-americanos. Fêz sucesso, mas do dinheiro, que é bom, muito pouco êle trará. Restará, porém, a experiência.

★

Berliet Junior assinou contrato com a Rádio Guanabara, onde apresentará seu programa "Lendas Maravilhosas", com histórias fabulosas do Oriente misterioso e seus personagens fascinantes. Uma boa aquisição da PRC-8.

★

Ainda sôbre a Guanabara, alguém nos informou que a emissora do Edifício Darke é uma das poucas que dá lucro nesta sebastianópolis. Antes era a Tamoio.

★

Até agora não se sabe se Almirante está fazendo alguma coisa no rádio bandeirante. É uma pena que a "maior patente do rádio" tenha chegado à triste conclusão de que o "broadcasting" carioca não passa de um "saco de gatos".

Ney Machado, cronista da madrugada, vai apresentar ao microfone da Rádio Jornal do Brasil, um programa intitulado "Carroussel", noticiando fatos do cinema, teatro e "boites".

★

Celestino Silveira apresenta, na Globo, aos domingos, de 19 às 20,00 horas o seu programa "Revista de Portugal", movimentada e atraente audição dedicada aos portuguêses radicados em nossa terra.

★

Germaño, que estêve excursionando pelo interior, já voltou aos programas humorísticos da Nacional e Mairynk. O "peladinho", do "Balança, mas não cai", está contente da vida, com o Flamengo na frente...

★

Carmelita Pereda apresenta aos sábados, de 17,30 às 18 horas, pela onda da Vera Cruz, o cartaz feminino "Seu Lar, Sua Vida". Carmelita já cantou ao microfone da Jornal do Brasil e escreveu durante algum tempo a secção radiofônica do "Jornal das Moças". Sucessos, são os nossos votos para Carmelita, na Vera Cruz.

★

A Rádio Clube do Brasil continua com seus microfones desligados e fora do ar, por fôrça do decreto que cassou a concessão de seus atuais proprietários. E' possível que a "Pioneira" seja incorporada ao Patrimônio da União, sendo o seu canal cedido ao Ministério da Agricultura, para instalação da Rádio Rural, que se dedicará a transmitir programas para criadores e agricultores brasileiros.

★

O "Capitão Atlas", criação radiofônica de Péricles Amaral, na Tamoio, vai parar suas irradiações. Será um golpe nos ouvintes mirins da estação Associada. Outra falha da atual administração da B-7.

★

Álvaro Aguiar, Henriqueta Brieba e Altivo Diniz, estão, no momento, excursionando por Minas Gerais.

Arquivos do Rádio



Há sete anos passados Odete Amaral era assim, mais gordinha, e com muito maior cartaz no rádio carioca. Com Ciro Monteiro, ela formava o «casal feliz», conforme batismo popular de César Ladeira, ao microfone da Mairynk Veiga, nessa época uma pioneira dos melhores programas. O tempo passou, Odete mudou o penteado, de feições e deixou o espôso, embora da união tivesse nascido um garôto muito vivo e inteligente, aliás, torcedor do Flamengo, como o pai. Hoje Odete Amaral continua cantando, sem ter contudo, o mesmo êxito de outrora, que pode voltar, convenhamos...

A RAINHA DO CHORINHO



Era uma vez uma dactilógrafa que tinha a mania de cantar, achando mais agradável deixar a voz correr ao som apressado das melodias bem brasileiras, que bater numa máquina, escrevendo cartas comerciais tão insossas e rotineiras. Decidiu-se pela carreira radiofônica e não teve até agora, motivos de queixas, pelo contrário, considera-se feliz, reinando no coração de tantos fãs espalhados pelo Brasil. Êles elegeram-na a «Rainha do Chorinho», e dêsse modo, Ademilde vai levando seu reinado brilhantemente, criando novos sucessos e conquistando um prestígio que não pára de crescer...

ONDA VAI... ONDA VEM...

Silvino Neto, escrevia diàriamente na imprensa, mas houve uma "gritaria" e êle parou. Como vereador, não podia mexer com alguns elementos, e sem liberdade, está provado, Silvino Neto não sabe andar...

A Pimpinela está precisando muitíssimo de uma nova temporada cheia de êxito, mas para isso, é necessário, antes de mais nada, de um prefixo ouvido e de um horário camarada.

Silvino Neto tem o mérito de haver lançado muitos dos ditos populares, hoje em dia tão em moda entre os cariocas. Lembram-se de Valdemar, do Biriba, e do "Que Mêdo, ô!"? São do autor do lindo samba "Cinco Letras que Choram", gravado pelo inesquecível Francisco Alves. O moço tem valor e talento, basta oportunidade e renovação.

★

Luís de Carvalho, segundo boatos, estaria disposto a desistir do lançamento de um concurso que visava eleger a "maior" entre as cantoras. As más línguas afirmam que o motivo foi uma advertência de Marlene sôbre o perigo de tal certame, com a solidariedade constante dos fãs da querida cantora, que aliás não toleram muito o "Lulu"...

★

Falando de Luís de Carvalho, lembramo-nos de citar um "consta", ouvido há pouco, sôbre o criador de "Chá das Três". Segundo dizem, êle tem a pretensão de acionar a Rádio Globo pelo uso daquele título, hoje animado pelo locutor Mário Luís, com o sucesso de sempre.

Talvez o Luís tenha se inspirado no exemplo de Heber de Bôscoli, que parece estar criando escola. Se a questão fôr levada, como no caso de Heber, dentro das rígidas normas da lei, não haverá por que estranhar, pois cada um defende o que é seu. Resta saber se o "Chá das Três" foi idéia puramente do Luís, pois se existiu colaboração espontânea de outros elementos da Globo, não vale...

★

Não sabemos o que aconteceu, mas o certo é que os "Curumins" foram despejados da Taba e andam à procura de um novo prefixo. Vale citar o nome de Sílvia Autuori, animadora do grupo, que no momento se encontra sem micro fone, para contar detalhes de sua vida. Vamos esperar que as ondas passem e apurar a verdade. Lemos uma reportagem acusando a alta direção Associada pela "expulsão" dos "Curumirs", mas o dever jornalístico nos obriga a ouvir o "outro lado". Depois, então, será oportuno tirar conclusões...

★

Paulo de Grammont era uma "pedrinha" no sapato de muita gente, na Tupi, e por isso mesmo "sofreu" uma operação psicológica, pulando fora daquela composição. Disseram que êle iria dirigir a Nacionol paulista, o que seria bom para o prefixo bandeirante. Acontece, porém, que Gilson Amado é "muito vivo" e recrutou o Paulo de Grammont para a Mayrink. Resta saber se êle aceitará. Seria ótimo que êle mostrasse na A-9 o quanto sabe a respeito de rádio. Pelo menos o público ficaria sabendo que a razão, no "caso" da Tupi, sempre estêve do seu lado...

★

D. Neusa Feital continua dirigindo a Rádio Ministério da Educação, apesar dos pesares e de todos os boatos em contrário. "Ela possui Santo forte", comenta sorrindo o João da Baiana.

"E o corpo fechadíssimo" — acrescenta alguém que já pertencera ao prefixo governamental.



Hebe Camargo, graciosa e talentosa, vem fazendo uma temporada ao microfone da Nacional paulista, sem deixar-se vencer pelo fascínio de atuar no rádio carioca. Ela é paulista antes de mais nada, e como tal, acha que seu lugar é entre os fãs da terra bandeirante, ouvindo seus aplausos, respondendo às suas cartas, criando canções populares e vivendo seus dias maravilhosos de grande cartaz do "broadcasting" nacional. Hebe Camargo teve proposta para o cinema, preferindo, porém, ficar no rádio, que ela considera o seu verdadeiro lugar!

Gente de RÁDIO



Ivon Curi, que vocês hoje em dia aplaudem e consagram um intérprete seguro das canções francesas, teve que "suar a camisa" para entrar no rádio, mesmo sendo irmão dos Curi da Nacional. Submeteu-se de boa vontade, e com confiança, aos testes exigidos pela E-8, indo depois para Caxambu, terra oficial da família, aguardar a chamada. Enquanto isso, cantava no banheiro, e para os amigos, aperfeiçoando sua dicção, certo de que o rádio mandaria buscá-lo muito breve. Isso aconteceu, e desde então o sucesso anda com êle, de mãos dadas...





Após uma ausência de dez anos, volta aos estúdios da Metro, a fabulosa Joan Crawford, para interpretar "Canção Ardente", no mesmo ambiente onde começou sua carreira, que haveria de ser, anos depois, vertiginosa e brilhante! Os primeiros dias, Joan passou-os visitando os colegas. No flagrante, Joan e Robert Taylor em animada palestra. Não precisam perguntar... A Metro vai reuni-los num filme, muito breve. — (Foto Metro).

Esta garôta sensacional, nos diz que a época é da "Terceira Dimensão", a grande inovação cinematográfica que o Brasil assistirá daqui há alguns meses. Vários estúdios de Hollywood trabalham febrilmente para concluir películas em 3D, sobressaindo-se a Warner Bros., com "Museu de Cêra" e "Investida de Bárbaros". A United vai exibir "Bwana, o Demônio", o primeiro filme em relêvo, com leões saltando da tela no seu colo, amigo leitor! — (Foto United Artists).

A amizade que existe entre John Derek e Donna Redd já foi motivo para comentários maldosos sôbre um possível romance, sabendo-se que o "astro" é "bem casado" e adora o filho. Basta um flagrante indiscreto, como êste, para criar boatos que se espalham com incrível facilidade. O que vale é que tanto John, como Donna, não se deixam influenciar pela maldade humana e continuam trocando idéias numa afinidade de causar inveja... — (Foto Press Cinema).





Depois do escândalo que envolveu Joan Bennett e Walter Wanger, quando êste supôs existir um romance entre a espôsa e seu agente, culminando em desfechar contra o rival alguns tiros, tudo voltou a ser como antes, isto é, Joan e Wanger uniram outra vez seus destinos, pensando ùnicamente em uma nova felicidade que há de perdurar indefinidamente. O caso afetou a carreira de ambos, porém com esfôrço e confiança, êles conquistarão novas glórias. — (Foto Press Cinema).



CINE-ROMANCE

A MULHER QUE INVENTOU O AMOR

Antonella Passadonato, uma bela jovem de Florença, conseguirá um pequena vitória ao ter nas mãos a nota promissória de seu sedutor, o tenente de cavalaria, Rainero Gilli. Seu pai era conhecido usurário e tivéra relações comerciais com Rainero, a ponto de dominá-lo financeiramente. Antonella, loucamente apaixonada, decidira encontrar um meio de salvar Gilli da dívida e destruía a nota assinada por êle. Antes não o fizesse, porque no justo momento em que transformava o papel num monte de tiras, seu pai, Leonardo, entrou no quarto e arrebatou-lhe o documento destruído:

— Finalmente, Antonella ! Eu bem desconfiava... Deixei que você tirasse a nota para confirmar as minhas suspeitas. Sua... sua perdida ! Rua ! Rua !

Leonardo saíra como um possesso, batendo a porta com estrondo. A trêmula e frágil Antonella, lançara-se sôbre a cama, soluçando desesperadamente !

★

Leonardo passeava nervosamente no seu gabinete quando o criado veio anunciar a presença em sua casa do Barão Massimo Caddulo, outro homem que êle dominava porque lhe devia grandes somas. Arruinado financeiramente, o Barão era um joguete nas mãos ambiciosas de Leonardo. Êle sabia que poderia usá-lo para seus desígnios. Mandou que entrasse e ofereceu-lhe uma cadeira, e logo depois uma bebida. O olhar de Passadonato deixava ver a sua tragédia íntima, porém Caddulo não se atreveu a perguntar o que se passava. Bebia silenciosamente, observando o nervosismo pouco natural do amigo.

ELENCO

Antonella .... SILVANA PAMPANINI
Gilli .... ROSSANO BRAZZI
Caddulo .... Vittorio Sanipoli
Nini .... Mariella Lotti
Leonardo .... Juan de Landa
Príncipe Equicola .... Pietro Carnambucci
O Marquês Doria .... Fabrizio Franchi
Malvina .... Laura Gore

Produção de Rossano Brazzi

Direção de Ferrucio Cerio

Argumento extraído de um romance de Guido de Verona

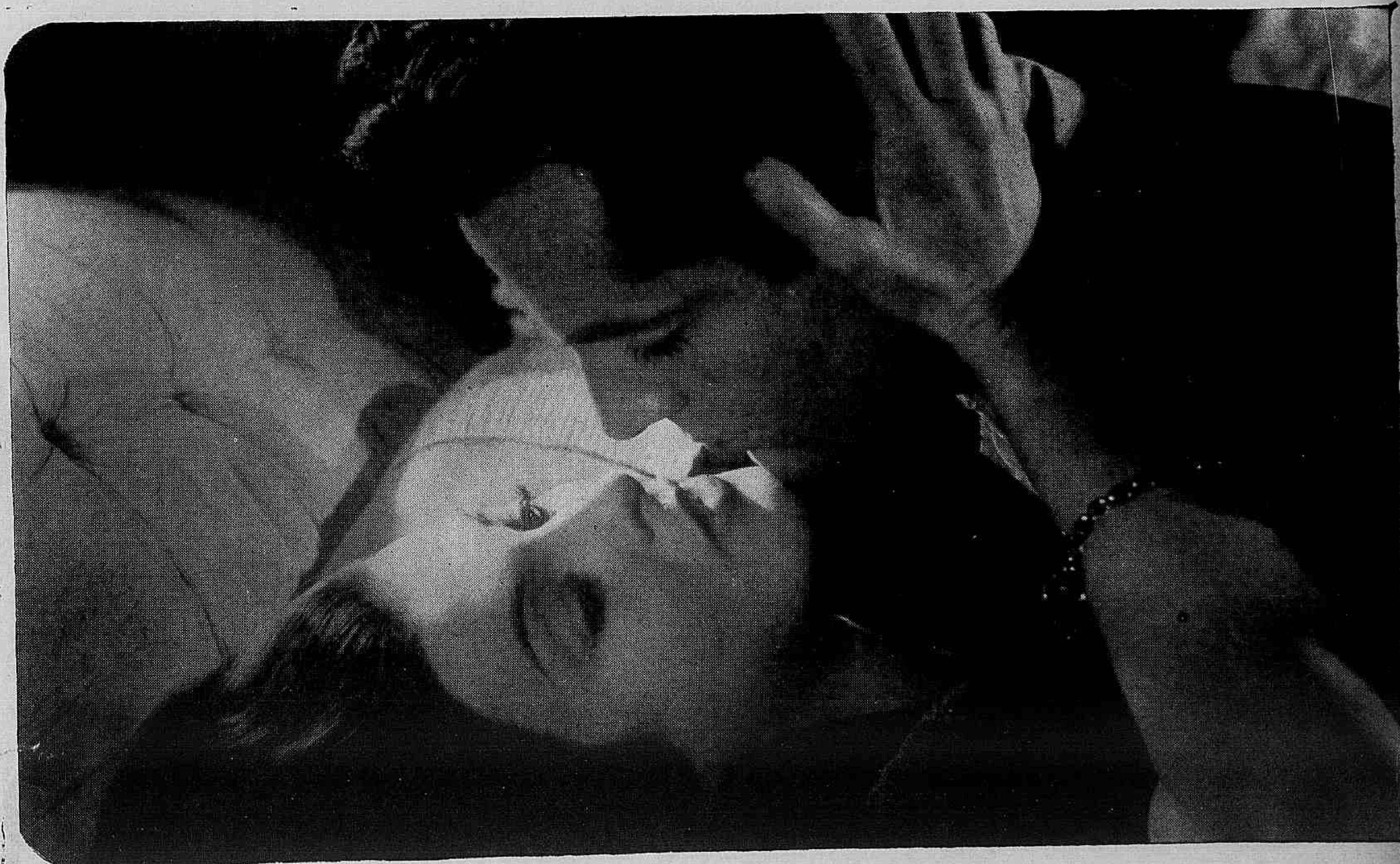
Apresentação da ART FILMS

— Canalha !...

Passadonato deixara escapar uma palavra sôbre Gilli e Caddulo achou que era o momento para iniciar a conversa.

— De quem se trata, Leonardo?

Antonella amava Gilli com paixão e usou todos os seus recursos de mulher bonita para conquistá-lo!





Muitos acontecimentos desagradáveis fizeram com que o Conde se afastasse da linda espôsa, que sofria com a separação...

— De Gilli... Rainero Gilli... Denunciei-o ao Regimento esta tarde e depois ao Círculo da Nobreza... Canalha !

— Que fêz êle, afinal?

—Caddulo acabara de beber e deixando o copo, levantara-se de seu lugar e caminhara até Leonardo que continuava agitado.

Gilli e minha Antonella... Êle é o culpado ! Escute, Caddulo, eu preciso que você desafie Rainero para um duelo. Será fácil matá-lo !

Ao ser mencionado o nome de Antonella, Caddulo sentiu uma ligeira emoção. Êle há muito tempo desejava Antonella, mas a jovem não lhe dava a mínima esperança. Parecia temê-lo, mas caíra nos braços de Rainero, sem ligar para conseqüências. Caddulo compreendeu que Leonardo queria um assassinato perfeito e achou melhor pôr as cartas na mesa.

— Sei que lhe devo uma grande quantia, Passadonato... Acho que seria melhor forçar Gilli a casar-se com Antonella para evitar a violência e o escândalo.

— Tarde demais ! — disse Leonardo deixando cair os braços com desânimo. — Agora tôda Florença está a par de minha desgraça, enquanto Gilli continua impune. E' preciso matá-lo !

Caddulo despede-se então, certo de que no dia seguinte Leonardo estaria mais calmo e poderia refletir de que a violência não era o melhor caminho. Êle percebera que um casamento forçado entre Antonella e Gilli produziria o resultado que esperava, isto é, despojado de tudo, Gilli odiaria a jovem e assim havia esperanças...

★

Com o escândalo, o Exército e o Círculo tomaram providências e Gilli foi efetivamente eliminado de seus quadros, mesmo diante da possibilidade de um casamento, que afinal foi realizado.

Naquele mesmo dia, horas mais tarde, quando o ambiente em casa de Passadonato era de funeral e não de enlace, Caddulo armou o último ato da farsa que estava escrevendo com a ajuda do destino. Falou claro com Leonardo:

— E' preciso mudar de vida, Leonardo e o quanto antes sair de Florença. Você agora tem um nobre na família e não pode continuar como usurário... A mudança para Roma é coisa que se impõe...

Leonardo já havia pensado em sair de Florença e porisso aceitou o plano de Caddulo. Partiram dias depois, com Antonella mais do que nunca empenhada em fazer a felicidade do espôso, muito embora compreendesse que as coisas não haviam corrido de acôrdo com os seus planos. Ela sonhara com um casamento, mas não naquelas condições.

★

Em Roma, pouca coisa mudou na vida do casal. As portas da sociedade estavam fechadas para êles e longe do ambiente a que foram acostumados a viver, Antonella e Gilli viviam como estranhos, suspirando pela posição perdida.

Nessas tardes solitárias. Caddulo aproveitava para investir. Antonella fugia-lhe aos ataques de tôdas as maneiras escondendo de Rainero a situação, para evitar um desenlace fatal. Ela não desconhecia que o Barão era bem mais hábil com a espada, que o espôso. Caddulo estava cada vez mais apaixonado e um pequeno incidente haveria de contribuir para alimentar suas esperanças na conquista do coração de Antonella.

Rainero encontrara no campo uma jovem que fôra sua antiga paixão. Estava cavalgando quando avistou-a e chamou:

— Nini... Nini...

Desceu do cavalo e abraçou-a, procurando sua bôca e assim ficaram por alguns instantes. Gilli, desiludido com o casamento, via em Nini uma espécie de fuga ao seu mundo agora tão pequeno e sem graça. Ela o ajudaria a esquecer os maus momentos e as humilhações.

— Há quanto tempo, Nini !



Antonella lutou bravamente contra o Barão que desejava possuí-la com a violência! Era um canalha!



Antonella sabia que um encontro entre seu marido e o Barão seria fatal. Êle era um grande espadachim!



Pensando no espôso, a jovem preparava-se para atraí-lo com seus encantos. Ela amava-o perdidamente!



Gilli encontrara no campo uma antiga paixão, Nini, e desiludido no casamento, resolveu cortejá-la!...



O pai descobrira seu romance proibido com o Conde Gilli e não perdoava o seu êrro! Era o seu fim!



O romance do Conde com Nini seguia num ritmo apressado, próprio de um amor feito de renúncias...

— Gilli... querido... há quanto tempo !

Daquele dia em diante, Gilli pouco se importaria com a sedução de Antonella, que esforçava-se por se mostrar bonita e atraente ao seu lado, usando todos os recursos. Rainero era indiferente e Antonella não percebia a razão de seu afastamento.

Caddulo trouxera um convite para um baile de máscaras e Antonella aproveitou a noite para falar ao espôso sôbre a festa. Gilli virou o rosto, encondendo a expressão de desagrado. Êle pretendia ir ao baile, mas sòzinho, pois marcara um encontro com sua querida Nini. Recusar a companhia da espôsa, seria uma atitude inconveniente. Gilli concordou em levá-la, convidando por sua vez a Caddulo para acompanhá-los.

Na festa, Gilli foi par constante de Nini, enquanto Antonella aceitava contrariada a côrte impertinente de Caddulo. O Príncipe Equicola, um velho enamorado da beleza da jovem, acêrca-se para dizer-lhe de tôda sua admiração. E' um homem poderoso que poderá fazer muita coisa pelo seu marido, pensa Antonella e aceita sua côrte naquela noite, causando ciúmes incontidos ao Barão.

Êste, por sua vez, não perde a ocasião de chamar a atenção de Antonella para Rainero que continua dançando apaixonadamente com sua Nini.

— Veja, Antonella... Gilli encontrou alguém mais interessante...

A jovem mordeu os lábios com raiva, roída pelo ciúme e traçou mentalmente um plano para conquistar novamente o coração do marido. Ela não desanimava de ser feliz em seu lar, apesar de todos os fatos desagradáveis que até então haviam marcado o seu casamento.

★

Dias depois a paixão platônica do Príncipe Equicola proporcionava a Gilli uma chance de reaver a fortuna e a posição na sociedade. Êle não desconfiara que Antonella tivera participação no convite e veio contente contar-lhe a boa nova.

— Antonella, fui convidado pelo Marquês Doria para cuidar de um puro sangue... Vou curar o animal e fazê-lo correr no grande prêmio... Se êle ganhar, estaremos ricos ! Oh ! Querida !

Êle beijou-a então ardentemente como sempre fizera quando eram simples namorados. Antonella sentiu que Gilli voltava aos seus braços e que seriam felizes para sempre !

(Cont. na pág. 34)

Antonella amava demais o marido para perdê-lo. Fazia-se bela para que êle não se apaixonasse por outra...

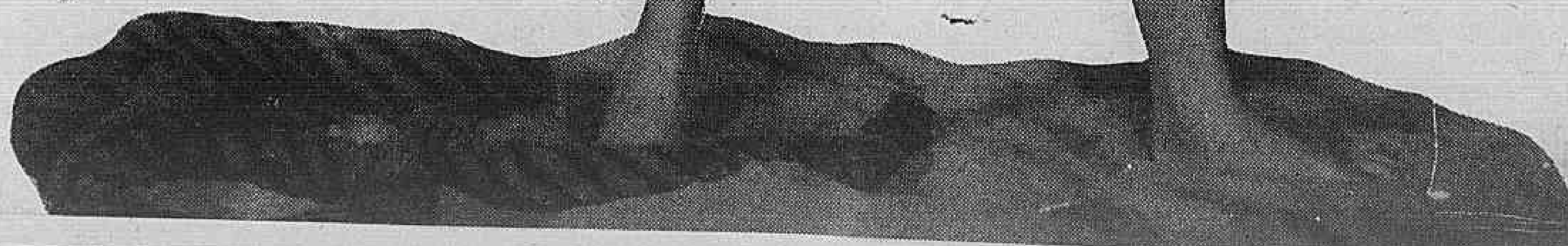


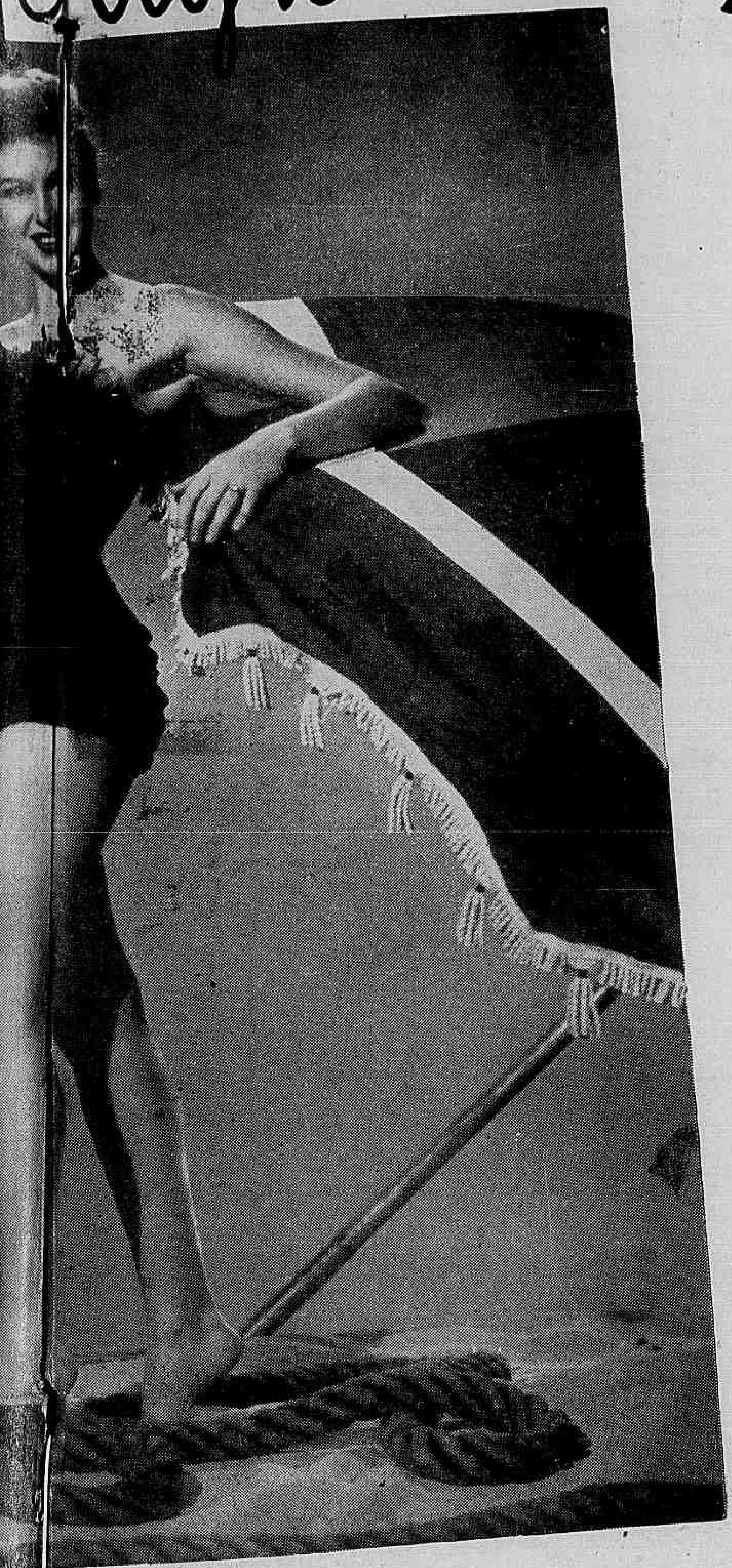
A moda esportiva em Hol

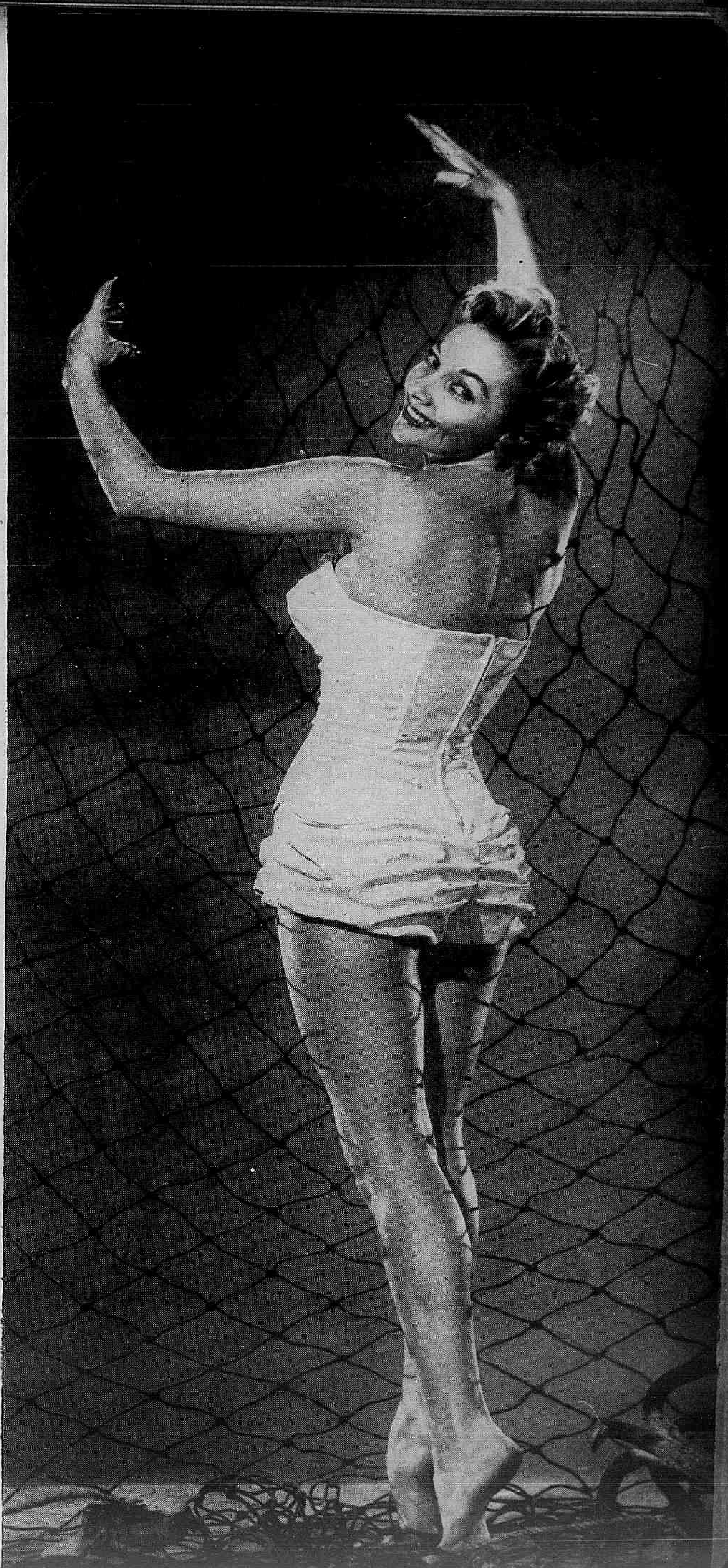


Dêste traje *de praia, que nos apresenta Julia Adams, tiramos a conclusão de que a moda esportiva em Hollywood começa a seguir novos rumos.*

E' ainda *Julia Adams quem exibe o mesmo modêlo, para criaturas mais ou menos tímidas que se deixam mostrar apenas pela metade.*

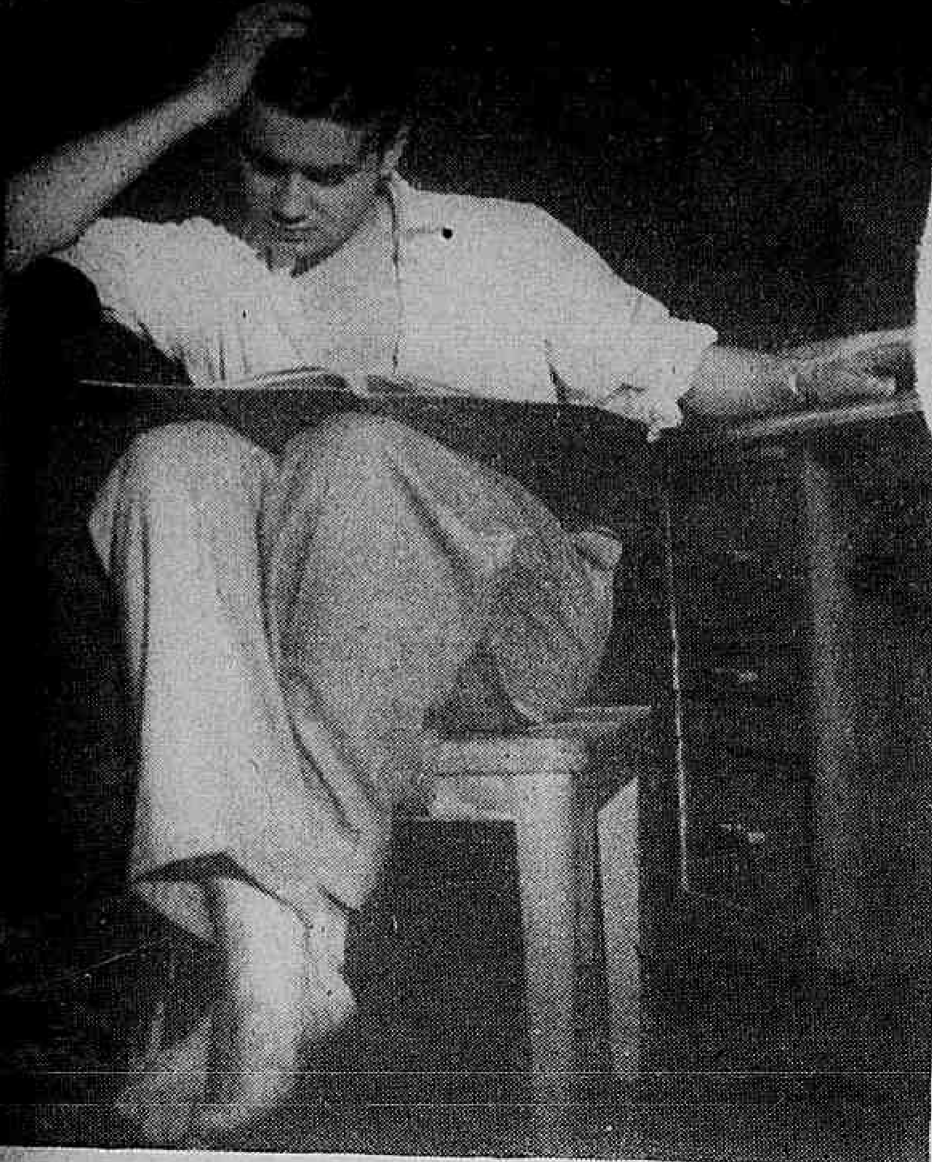






Kathleen Hughes *exibe um modêlo para encatar os olhos dos banhistas, com filó negro na parte do busto, e plissado da cintura para baixo. Uma belíssima inovação*

A lourinha Mary Blanchard *apresenta um modêlo quase igual, em tecido branco. Na parte do busto, enfeites e cintura, ajustadissima.*



Cinema Nacional em FOCO

FESTIVAL DE CINEMA NO RIO!

Após uma luta em que se destacaram o Vereador autor do projeto, Raymundo Magalhães Jún'or e o Presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, Joaquim Menezes, fo' aprovado pela Câmara, o Festival Cinematográfico do Distrito Federal. O Prefeito Dulcídio Cardoso acaba de confirmar a decisão do plenário, assinando o decreto que institui o Festival, des'gnando a verba necessária ao empreendimento que se estenderá por quinze dias, começando a cinco de novembro próximo.

Tomarão parte artistas de tôdas as produtoras nacionais, cineastas, técnicos, jornalistas especializados e fãs do cinema brasileiro, numa festa que se repetirá todos os anos, marcando as atividades da indústria nacional de filmes. O Rio de Janeiro acolherá convidados especiais das nações vizinhas e a festa servirá como aproximação dos artistas brasileiros e seus colegas de fora. Filmes inéditos serão projetados, escolhidos e premiados os "melhores do ano e eleita uma nova Ra'nha. Os preparativos para o Festival de cinema no Rio prosseguem animadíssimos. Nossos parabéns aos autores da iniciativa, digna de registro e de apoio!.

E' assim que o "galã" paulista do cinema brasileiro, Paulo Geraldo, estuda os seus papéis. Cômodamente, não é mesmo? Paulo Geraldo vem de interpretar com Vera Nunes, a comédia "Custa Pouco a Felicidade", a ser lançada brevemente nos cinemas cariocas. Fala-se que Paulo Geraldo ingressará em um dos grandes estúdios de São Paulo, onde poderá exibir todo o talento e experiência que hoje em dia chamam tanta atenção para o seu nome. — (Foto Cadef).

● Que fim levou Iracema Vitória, aquela morena sensual de «Carnaval Atlântida», onde aparecia como secretária de Oscarito? Segundo constou algum tempo, ela fôra convidada pelo diretor Carlos Manga para um filme na Atlântida, mas até agora não se confirmou o boato.

Jorge Ileli é um dos que pretendem aproveitar Iracema para um papel em «Vidas em Jôgo», e fazemos votos que assim seja, pois ela merece uma oportunidade.

● Pouca gente sabe que antes de ingressar no teatro e posteriormente no cinema, Armando Couto, diretor de «O Homem dos Papagaios», da Multifilmes, era arquiteto e passava seus dias entre projetos e obras que resumiam sua vida. Atraído pela arte, deixou-se levar e hoje é um nome consagrado, mesmo como intérprete.

● Outra curiosidade: Luís Calderaro artista que apareceu numa simples ponta em «Sai da Frente» e agora surge como astro em «Esquina da Ilusão», ao contrário dó que muita gente pensa, nasceu no interior de Minas Gerais e mesmo formado em Direito, preferiu o cinema como meio de vida. Faz parte do elenco permanente do T. B. C., de São Paulo e na opinião do Diretor Ruggero Jacobbi, é um artista a ser explorado. Calderaro diz que tão logo sua carreira esteja consolidada, vai tirar umas férias e pescar, passa-tempo que adora...

● Nicette Bruno, que apareceu numa pontinha de «Querida Suzana», sempre preferiu o teatro ao cinema e agora vê seu sonho concretizado com a inauguração de seu teatro íntimo na Paulicéia. No filme «Esquina da Ilusão» Nicette aparece no papel de uma rádio-atriz que se apaixona perdidamente pelo tipo vivido por Alberto Ruschell. E' um papel pequeno, mas Nicette viveu-o com entusiasmo próprio de uma separação, isso porque sua vida no teatro tão cedo não a permitirá que apareça diante das câmaras. Vão sentir muitas saudades os fãs de Nicette...

● Dinah Mezzomo, ex-rainha do cinema brasileiro e graciosa «estrêla» da Vera Cruz, estêve no Rio, ràpidamente, e nem teve tempo de cumprimentar os amigos. Visitou o seu «Fã clube» e partiu outra vez para São Paulo, contratada que é dos estúdios de São Bernardo do Campo.

● Rosângela Maldonado, a loura artista que estreou com sucesso em «Milagre de Amor», do falecido Moacyr Fenelon, está fazendo uma temporada na «boite» Arpege, da capital paulista. Segundo consta, Mário Civelli convidou-a para um «test» na Multifilmes, sendo possível que venha a ser contratada pelos estúdios de Mairiporã. Antes de partir para a Paulicéia, Rosângela terminou «Dois Destinos», filme da Sacra-filmes.

● Fêz sucesso o primeiro desenho animado «Sinfonia Amazônica», desenhado quase inteiramente pelo artista nacional Anélio Latini Filho, numa produção da Latini Studios. Segundo consta, Anélio está planejando outros filmes do gênero, pensando agora em desenhar histórias curtas, possivelmente coloridas.

● Um novato que está subindo a olhos vistos é Wilson Grey. Êle tomou parte na peça que lançou Sérgio Cardoso, «Hamlet», pelo Teatro do Estudante, e agora faz cinema. Tem bom papel na comédia «Nem Sansão, Nem Dalila», caracterizado de tal maneira, que muita gente não vai reconhecê-lo...

● De Campinas virá o filme nacional «Sós e Abandonados», produção de Fernando Gardel Filho.



Lisca Ayde, de cabelos negros com uma mecha de cabelos louros e essa expressão indefinida, tem uma beleza acentuada e representa agora a "vamp" do cinema nacional, estreando em "O Homem dos Papagaios", fascinando o personagem vivido impagàvelmente por Procópio. Lisca Ayde, que pessoalmente é ligeiramente tímida e retraída, tem contrato na Multifilmes, onde aparecerá em várias películas. — (Foto Multifilmes).



Eis aqui como se filma na Atlântida, aparecendo o fotógrafo italiano Amleto Daissé, em plena ação, plasmando no celulóide uma passagem da comédia "Nem Sansão, Nem Dalila". A Atlântida, com êsse filme, deu início a um sistema de filmagens simultâneas, utilizando duas equipes, em estúdios distintos. Para isso, teve que contratar vários elementos entre os melhores do mercado, fazendo questão de um apuro quanto à técnica. — (Foto Atlântida).

saram haver escrito pensando em Judy, mas não no seu companheiro de história. Foi quando um de meus assistentes lembrou-me Aldo Ray. Eu havia assistido a «A Mulher Absoluta», da Metro, e ficara ligeiramente impressionado com a voz e os modos soltos de Aldo, mas êle me parecia mais um pugilista do que um ator. Não me convencia aquêle ar abrutalhado, uma displicência de certo modo, incômoda, mas valia a pena tentar. Chameio-o para um «test» e com a convivência comecei a notar que Aldo caíra do céu para aquêle personagem. Mostrei o «test» a Cukor, pedindo sua opinião e êle surpreendeu-me com uma aprovação franca e rápida.

Bert Granet faz um intervalo para atender a um telefonema e depois continua falando da dupla:

— Judy Holliday e Aldo Ray foram para o estúdio cientes da oportunidade que lhes dava o enrêdo de Ruth Gordon e Garson Kanin, comédia autêntica, misturando um pouco de «non sense» com a malícia nas pequeninas coisas. No quinto dia de filmagem, Cukor confessava-se entusiasmado com o trabalho de ambos e tudo correu normal até o fim. As exibições diárias em «prévia» das cenas filmadas, confirmavam o acêrto de minha escolha, pois a sala não parava de rir a cada nova cena, com as situações hàbilmente imaginadas e melhor ainda vividas por Judy e Aldo, na dupla mais perfeita que já vi em tôda minha vida no cinema.

Tivemos ocasião, horas mais tarde, de conversar alguns instantes com Judy Holliday e ficamos surprêsos com suas atitudes moderadas, sua correção no falar, uma ausência absoluta de afetação em suas maneiras. Ela portava-se como uma «estrêla», mais que isso, como uma artista que possuía um «Oscar» da Academia.

Respondendo como sentira o papel de «Da Mesma Carne», Judy nos disse:



Os dois fazem coisas incríveis como bem demonstra a cena dêsse filme que foi aclamado «uma comédia biruta»...



— Creio que não vou decepcionar no meu segundo filme. Deus permita que eu tenha sempre papéis como êsse em minha carreira.

«E, Diretores como Cukor», acrescentamos nós, com plena concordância da artista que havia esquecido êsse detalhe tão importtante.

Sôbre Aldo Ray, seu companheiro de comédia e de dupia, Judy manifestou-se amplamente:

— Adorei trabalhar com Aldo Ray. Creio que êsse é o maior elogio que posso fazer a um colega. Aldo Ray é a mesma criatura simples e destituída de pose que vocês verão no filme. Almoçávamos juntos e juntos combinávamos detalhes de nossos papéis. Aldo é paciente e gosta de repetir as cenas que o Diretor acha, por êsse ou aquêle motivo, não terem saído a contento. Quanto à dupla que formamos, o público decidirá sôbre sua continuidadedade. Já se fala que Ruth Gordon e Garson Kanin pretendem escrever a continuação da história, do justo momento em que decidimos continuar unidos pelo casamento e voltar ao lar que havíamos construído (ela está falando da história de «Da Mesma Carne») para satisfazer a curiosidade dos «fans» pelo que aconteceu depois. De minha parte eu gostaria de experimentar outro gênero, o dramático para ser mais clara. Vou fazer fôrça para isso, mas não recusarei filmar outra vez com Aldo Ray e sôbre o mesmo assunto. Comecei na comédia e se preciso fôr, continuarei na comédia.

De discussão em discussão, êles resolveram acabar com o casamento e no tribunal compreenderam que se amavam...

CINE-NOVELA



HOMÈNS ÈM REVOLTA

— Inspecionando a propriedade — começa êle, sarcástico.
— Por que não, se agora sou uma Denbow? Quantas cabeças de gato nós possuímos? — replica ela, altaneira.
— Entre quarenta e quarenta e duas mil. Aproximadamente, dois milhões de dólares. Desiludida?
— Sòmente dos Denbow, Kirk.
— Êsse é um fenômeno comum. Todos começam por não simpatizar conosco e acabam odiando-nos...
— E é justo, pois nós recusamos aos colonizadores acesso aos campos...
— Vejo que tem lido os artigos de Clayton Vance! A razão de nossa atitude é muito simples. A terra dos Denbow se estende entre essa montanha e aquela outra. Além, muito além, existem cento e vinte mil hectares do Estado, que confinam com o Rio Grande e para lá existe apenas uma entrada e uma saída pelo território mexicano... Compreenda, um novilho requer quatro hectares... Nossa propriedade mede quarenta mil hectares... Isso quer dizer, apenas, que só podemos criar dez mil animais...
— Entendo. Os demais trinta mil não poderiam existir se aquelas terras não nos pertencessem...
— Exato.
— Então está muito claro que os Denbow usurpam e guardam ao mesmo tempo!
— Se não sabia fique sabendo, já que é uma Denbow. — diz Kirk num tom irônico, afastando-se.

. . . .

Época de marcação. Kirk, Bandera e outros homens ocupam-se de esquentar os ferros para logo aplicá-los ao lombo dos novilhos, que outros vaqueiros laçam e derribam para a tarefa. Jane contempla a cena com interêsse e quando é hora do rancho, Bandera lhe oferece um prato de feijões que ela aceita com um sorriso, dizendo:

— Aprendi a comê-los na taberna Longhorn e gosto muito!

Para Kirk, como para seus peões, a frase é certificado não sòmente de genuína modéstia como também de cordialidade. Jane não se envergonha de seu passado, nem se apresenta como grande dama. Depois do rancho, volta-se ao trabalho e Jane mostra desejo de marcar um novilho. Bandera apressa-se em satisfazer à moça e corre para apanhar um dêles. Toma-o nos braços e vem andando muito contente, sem perceber que a vaca, atrás de si, muge desesperada.

— Cuidado, Bandera! — grita Kirk, porém demasiado tarde.

A cornada é terrível. Bandera é levantado no ar e em seguida arrojado ao solo como uma pena... Jane lança um grito de horror... Kirk ajoelha-se ao lado do pobre diabo, compreendendo a gravidade dos ferimentos.
— Tem uma artéria cortada — diz Kirk.
— Vai morrer exangue... Faça alguma coisa Kirk! — pede Jane, desesperada.

O rapaz providencia para pensar os ferimentos mais graves do colono, estancando o sangue que não pára de correr. Jane sugere que use o ferro em brasa, pois o cautério é o único remédio para a ocasião.
— Que dizes tu, Bandera? — pergunta Kirk.

O ferido olha para Jane e como se falasse à Virgem de Guadalupe, suplica:
— Faça isto, Senhora...
— Farei, Bandera — responde Jane, mordendo os lábios.

Pico, outro empregado, traz o ferro em brasa. Jane agarra-o e sopra:
— Alguém terá que contê-lo... Não creio que aguente a dor.
— Perdoa-me, Bandera, meu velho amigo. — diz Kirk desacordando-o com um golpe.

Jane aplica o fogo na ferida, e quase perde a coragem no momento supremo. Depois da cura, breve porém cruel, Kirk traz uma bebida para ela e pela primeira vez chama-a pelo nome.
— Jane, tome isto!...
— Jane? Que fêz da **Senhora Denbow?** — sorri a jovem, olhando-o com simpatia.

. . . .

Matt Denbow explode de raiva

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Acusado pelas circunstâncias de haver matado o indefeso Charlie Fentrass, Glenn Denbow, filho único de Matt Denbow, dono de muitas terras em Denbow City, resolve casar com a jovem Jane Stevens, que testemunhara a morte do vaqueiro, e poderia depor contra êle, não o podendo fazer se fôsse sua espôsa.

Na noite do casamento, Jane Stevens descobre tôda a verdade e repele o marido que se vai com Lottie, que apaixonada e ciumenta, provocara tôda a tragédia.

Jane passa a viver na propriedade do sogro e com o correr do tempo sente-se impelida para um primo, Kirk Denbow, encontrando-se com êle no campo. Entre os dois existe uma evidente inimizade e um indisfarçável amor...

quando sabe que Bandera fôra co-..ido por uma vaca enraivecida.

— Isso é o que se passa quando uma mulher se mete nas coisas do homem! Bandera, o melhor vaqueiro de todo o oeste, ferido durante a marcação! E' o cúmulo!

— Tio, Bandera está vivo graças a Jane. Foi ela quem cauterizou a ferida. — explica Kirk.

— Não fui eu; foste tu, Kirk! — corrige a moça.

— Ninguém pensou em cauterizar minha cornada. Quem te ensinou o remédio? — pergunta o velho à sua nora.

— Meu pai, que era proprietário em Ohio, de uma granja de quarenta hectares...

— E que se fêz dêle?

— Acusaram-no de usurpar a terra, incendiaram nossa casa e êle morreu tentando apagar o fogo.

— Pois teve o que merecia! Todos os colonos são iguais! Esperam que os verdadeiros pioneiros conquistem e limpem os desertos para aproveitar-se dêles... Parasitas!

— Os colonos não são parasitas! Têm direito de trabalhar a terra que os sustenta! O senhor, Mathews Denbow, é que não tem o direito de usurpar os campos que não são seus!



Clayton Vance iniciava uma cruzada pela defesa dos colonos e seus direitos às terras de Denbow!

— Ouça, mr. Vance, viemos do Texas atraídos pelos seus artigos sôbre as viver, ninguém virá ocupá-los!

Jane, exalta-se e lhe diz:

— Tirano! Estúpido! Egoísta!

Matt Denbow não responde. Gira sôbre os calcanhares e sai da sala. Camille e Kirk trocam um olhar de surprêsa.

— Não devia ter falado dêsse modo — murmura Jane, arrependida do que dissera ao sogro.

— Jane, às vêzes é bom não se ter "papas" na língua. — diz Kirk, tranqüilizando-a.

E segue os passos de seu tio... Encontra-o no corredor e êle fala:

— Kirk, quisera que Glenn possuísse algumas das qualidades da espôsa... Vai buscar êsse folgazão... Que venha à minha presença, o quanto antes...

— Farei o possível, tio. — promete o moço.

. . . .

Reina grande atividade na taberna Longhorn. No pátio, estão vários cavalos encilhados. Dentro, junto ao balcão, o jornalista Clayton Vance e três forasteiros conversam.

— Ouça, mr. Vance, viemos do Texas atraídos pelos seus artigos sôbre as terras de Denbow.

— E por que ocultou que não havia caminho para chegarmos até elas? — pergunta outro.

— Um momento, mr. McCloud... Caminhos existem, porém fazem falta mais alguns homens para abri-los através da propriedade dos Denbow, vigiada dia e noite por quarenta vaqueiros bem armados. — explica Vance.

— Pois, se fôr preciso empregar a fôrça, nós empregaremos! — exclama Ezra.

Nisto entra Kirk.

— Alô, Kirk! — interpela-o o jornalista. — Êstes são os irmãos McCloud, de Kansas, que desejam falar sôbre o direito de passagem...

— Mr. Vance devia adverti-los de que a caminhada será inútil. — diz Kirk aos estranhos.

— Isso veremos, mr. Denbow! Logo seremos bastante numerosos para vencer qualquer obstáculo! — replica Ezra.

— Serão recebidos a tiros! — conclui o sobrinho de Matt Denbow, friamente.

E pergunta ao taberneiro por Glenn. O homem indica o andar de cima... Kirk sobe as escadas e abre uma porta. Lottie, Dave e Glenn estão sentados ao redor de uma mesa. Quando Glenn avista Kirk, vai dizendo:

— Com ordem de quem entrou aqui?

Kirk não se apressa em responder, dirige-se a Dave...

— Mandei que fôsse inspecionar a cêrca do norte...

— Vim saber se Glenn queria que se fizesse...

— Pois não voltes à fazenda!

— Tu não podes despedir Dave dessa maneira! — protesta Glenn, levantando-se.

— Pois está despedido e tu vens comigo! — retruca Kirk.

— O Kirk de sempre! Defensor dos transviados, menores e inocentes... Esqueces, primo, que já sou crescidinho... Que sou um homem casado!

E avança para o primo, atacando-o com forte golpe. Kirk responde com outro e os dois homens começam a lutar. Kirk vence a Glenn com um direto e o filho único de Matt Denbow cai para não se levantar. Kirk põe o rapaz no ombro como um saco de farinha e sai.

— Dave, por que não detém Kirk? — pergunta Lottie, com raiva.

— Não é preciso... Glenn voltará... Não esqueça que temos o revólver de Charlie...

— Que é isso de "temos"? — pergunta a jovem.

— Tu me entendes, Lottie... e eu te entendo! — diz Dave sorrindo e beijando-a com paixão.

. . . .

E' noite fechada quando Kirk e Glenn chegam à fazenda. Pepe abre a porta. Êles entram. Glenn ainda embriagado, apoia-se a um móvel e falando ao pai:

— Pai... Aqui tens o filho pródigo!

O velho olha-o com desprêzo e ordena:

— Vá para a cama... Amanhã conversaremos... Pepe, acompanha-o.

— Não necessito disso... Primo Kirk, conte tudo ao meu pai... não esqueça de mencionar Lottie... Boa noite!

O rapaz sai, seguido por Pepe. Matt volta-se para o sobrinho e murmura:

— Obrigado, Kirk...

E desaparece. Glenn abre a porta do quarto de Jane e Kirk ouve quando êle diz sem entrar:

— Muito bem... estás te embelezando para o teu maridinho? Suponho que não esqueceste San Antonio.

— Não, Glenn. Não esqueci coisa alguma... Cometi o êrro de vestir com ilusões a um homem que... não existe.

— Que não existe? — replica Glenn.

E sentindo a mão forte do primo agarrar-lhe o pulso, grita com raiva:

— Que é isso? Não posso falar com minha própria mulher?

— Pode, sim... mas amanhã, pela manhã...

Kirk volta-se para Jane e lhe diz:

— Jane, acabo de saber como te forçaram a casar com Glenn. Peço que me perdôe por haver-te condenado sem provas.

— Nada tenho a perdoar-te, Kirk.

— Esplêndido! Maravilhoso! Edificante! Minha mulher e meu primo finalmente se compreendem... mas entre os dois haverá sempre um Denbow! Eu! — diz Glenn com uma gargalhada de escárneo.

. . . .

A sala é severa com suas paredes nuas, sem teto baixo e sua enorme chaminé de pedra. No infalível par de chifres espetados no muro, está pendurado um chicote. Ao lado de Camille, sentada, encontra-se Matt Denbow de pé,

(Continua na pág. 34)



Jane, horrorizada, sustenta Matt Denbow em seus braços, quando Kirk e Bandera chegam, galopando como loucos...

TEATRO ANEDÓTICO



● O ANEDOTÁRIO teatral de Bernard Shaw guarda um sem número de fatos pitorescos. Certa ocasião, uma célebre atriz — que errôneamente se julgou ter sido Isadora Duncan — comentou com Shaw: — «Com o seu cérebro e o meu corpo poderíamos produzir um filho perfeito». Shaw retrucou-lhe: — «Mas, suponha que a criança herdasse o meu corpo e o seu cérebro? Que seria feito dela?».

● UMA NOITE, ao encerrar-se a representação de «Arms and the man», Bernard Shaw, autor, foi chamado à cena. Houve uma tempestade de aplausos, quebrada sùbitamente por um assovio isolado. Shaw, erguendo o braço, pediu silêncio. Depois, voltando-se para onde partira o assovio falou: — «Concordo com você, meu amigo. Mas, que podemos, eu e você, fazer contra a casa cheia de opiniões em contrário?».

ROTEIRO TEATRAL
DE NORTE A SUL

EM S. PAULO, os cartazes anunciam: "Treze à mesa", comédia de Sauvajon, pelo elenco do Teatro Brasileiro de Comédia, com excelentes desempenhos de Célia Biar e Paulo Autran. No Teatro da Cultura Artística, a Companhia Delmiro Gonçalves apresenta "A Toga Branca", de André Lem, com Margarida Rey e Jaime Barcelos. Uma comédia americana continua fazendo carreira no Teatrinho Intimo Nicete Bruno, em que a madrinha do teatro protagoniza "Ingênua até certo ponto", de Herbert. No elenco Luis Tito e Elísio de Albuquerque. Direção de Armando Couto. Todos cariocas, que o desenvolvimento artístico de S. Paulo atraiu.

EM RECIFE está a Companhia Graça Melo. Já ofereceram ao público pernambucano "Massacre", de Robles, e "A verdade de cada um", de Pirandello.

Bastidores

SOUTO DE ALMEIDA

VIMOS...

A SAPATEIRA PRODIGIOSA

(De GARCIA LORCA, pelo O TABLADO)

COMO GRUPO de teatro experimental a atuação de O TABLADO é meritória. Seus espetáculos são o resultado da conjugação de diversos fatôres reunindo bom gôsto, dedicação, entusiasmo e talento. Esta é a sua tradição, agora mais uma vez reafirmada em "A Sapateira Prodigiosa", um Lorca vibrante pintando com as côres vivas da farsa as peripécias conjugais da jovem e inflamada sapateira e seu recatado e envelhecido espôso. Coube a Maria Clara Machado a dupla dificuldade de protagonizar o papel título e dirigir o espetáculo. Por vêzes, o personagem superou-a como intérprete, com a repetição de gestos e certo descontrôle vocal. Seu maior mérito, porém, foi a direção, realizando bela encenação, dentro da unidade de ritmo que o texto exigia, mantendo o perfeito equilíbrio dos intérpretes e movimentando jovens num pequeno palco, sob marcas seguras e felizes, como o final do primeiro ato, de grande beleza plástica.

★ *Entre os atores, destacamos a excelência de Emilio de Matos, com possibilidades amplas de vitória no teatro profissional. Colaboram, ainda, para o bom rendimento de "A Sapateira Prodigiosa", a menina Ana Maria Mendes, valorizando seu desempenho pela espontaneidade e segurança, Carlos Nem, Kalma Murtinho, Paulo Padilha, Napoleão Freire, Osvaldo Neiva, Maria Luisa Alves, Mariuska, Ângela Mendes, Maria Ludovina, Maria Tereza, Carmen Silvia, Déa Fernandes, Jenny Rabelo, Edelvira Fernandes, Jorge Teixeira, Carmen Pacheco, Kiki Monteiro de Castro e João Sérgio Nunes. O bonito cenário de Martim Gonçalves ajustou-se às limitações do palco, reafirmando-se a tradição de O TABLADO, com a apresentação dêste seu novo e magnífico programa.*

FORA DE CENA

● PODEMOS anunciar que dentro de pouco tempo Copacabana ganhará outro teatro, do gênero de bôlso. Seu proprietário é o conhecido produtor radiofônico Dias Gomes. Localizar-se-á na Galeria Alaska, entre as Avenidas Atlântica e Copacabana, terá 170 poltronas e seu título será «Teatro de Mentira». Explorará o gênero comédia. Aguardamos pormenores para maiores informações . . .

● EM SETEMBRO estreará a Companhia de Comédias de Oscarito, no Teatro Glória, reunindo o conhecido ator cômico, espôsa e filha. A peça será «CUPIM», de Mário Lago e José Vanderley.

● CONVERSAMOS com Millor Fernandes, o conhecido humorista das páginas de O Cruzeiro. Vão Gôgo está entusiasmado com o teatro, depois do êxito do que êle considerou a sua primeira experiência teatral — «Uma Mulher em Três Atos» — apresentada no Teatro Brasileiro de Comédia, em S. Paulo. Revelou-nos que depois de uma pescaria no Canadá, que fará breve com Freddy Chateaubriand e José Amadio, começará a trabalhar na sua próxima peça, cujo título nos adiantou: «Um Homem Vai e Volta».

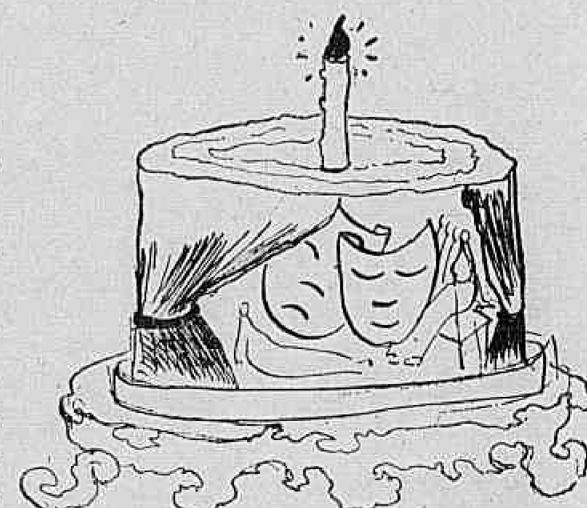
TEATRO EXPERIMENTAL

ALUNOS do Conservatório Dramático Nacional, apresentaram o original em um ato "Uma Carta na Mesa", de Maria Wanderley, no auditório da própria escola, sob a direção de Luis Osvaldo. Os intérpretes, foram: Beatriz Bandeira, Garcia Xavier, Mida, Mário Teixeira, Hilton Araújo e Carlos Manuel. O mérito dêsses espetáculos é o possibilitar àqueles que estudam teatro a oportunidade de ensaio, preparo e desempenho diante do público, familiarizando os futuros atores e atrizes com o palco, sua técnica e maior domínio diante do espectador.

A FACULDADE de Filosofia da Universidade do Distrito Federal, também criou seu grupo teatral, pitorescamente intitulado "Teatro da Coruja". Sob a direção do professor Jorge Kossovsky, que já dirigiu peças no Teatro do Estudante, foi encenado o original "A primeira legião", de Lavery, tradução de Valdemar de Oliveira.



● Desta vez Tio Pascoal não comemorou aniversário de sobrinhos. Festejou o natalício do seu filho dileto: o Teatro Duse. Cento e vinte poltronas, um palco minúsculo e um milhão de esperanças, vocações, talentos e sonhos. Um teatrinho que poderia ser de brinquedo pelas dimensões que possui, mas imenso pelo significado de sua missão benemérita. Sua ribalta iluminou a concretização de velhos sonhos de um sem número de autores, cenógrafos, intérpretes e diretores integrados no mesmo ideal de criar e realizar o teatro. Por isso, cá de baixo, a gente olha com ternura o Morro de Santa Teresa. E' que nêle mora Pascoal Carlos Magno com seu Teatro Duse, fonte de sangue novo para o teatro brasileiro.



O GRANDE ÊXITO DE «A RAPÔSA E AS UVAS»

● **Na temporada que a Companhia Dramática Nacional está realizando no Teatro Carlos Gomes, confirmou-se o sucesso da peça de Guilherme Figueiredo, registrado anteriormente no Teatro Municipal, do Rio, em Juiz de Fora e Petrópolis. Sérgio Cardoso, Nídia Lícia e Leonardo Vilar, apresentam-se em grandes atuações.**

←



HENRIETTE MORINEAU



Em poucas horas, um dos mais agradáveis teatros do Rio desaparecia. Do Teatro Copacabana restam apenas escombros. Mas, fica a promessa de sua reconstrução: em maio de 54 já estará, outra vez, de portas abertas.

DESTRUIDO PELO FOGO O TEATRO COPACABANA

• SEM TEATRO OS «ARTISTAS UNIDOS»

INCÊNDIO violento destruiu o Teatro Copacabana paralisando as atividades de um dos melhores conjuntos dramáticos do Brasil. Não comentaremos aqui a situação particular dos atores e atrizes de «Os Artistas Unidos» ante a ameaça de dissolução de sua companhia se se prolongar a solução do problema da falta de local de trabalho. Lastimamos, acima de tudo, êste fato, por ter atingido uma das mais expressivas organizações teatrais do país. Nosso teatro muito deve a Henriette Morineau, Carlos Brant e Hélio Rodrigues. De seu esfôrço conjunto, como diretora e empresários, respectivamente, elevou-se o bom nível dos espetáculos, com a nota presente de bom gôsto e competência profissional. Hoje, «Os Artistas Unidos» possuem grande público e o incêndio veio cortar a carreira vitoriósa de uma peça com permanência de três meses em cartaz. No dia seguinte ao do incêndio, falamos com Carlos Brant e Hélio Rodrigues. O espírito de luta não desaparecera. Havia antes, em suas fisionomias, uma expressão de confiança.

— «É de lastimar o que aconteceu — disse Brant — exatamente quando recuperávamos nossa estrutura financeira, depois de duas temporadas consecutivamente bem sucedidas, consolidado que estava o prestígio artístico da companhia. Não podemos paralisar o nosso trabalho e logo mais estaremos com o Prefeito por intermédio de uma entrevista que Pascoal Carlos Magno nos obteve.»

Da visita ao Prefeito renasceu uma esperança: a Prefeitura cederia o pequeno teatro que possui na Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana, no local onde foi o ex-Museu da Cidade e onde funciona um centro de recreação infantil. Mas, cremos que esta não é a solução. Apenas um paliativo, mormente considerando que a própria Prefeitura tem possibilidades mais amplas: a reabertura do Fenix. Um excelente teatro fechado, sob processo de desapropriação, quando na cidade se agita o velho e angustioso problema da falta de casas de espetáculos. Problema agravado com a destruição do Copacabana.

Não sabemos se o emperramento crônico da máquina burocrática ou pontos de vista obstinados dos atuais proprietários do teatro cortarão as mais brilhantes possibilidades de uma companhia teatral magnífica. Mas, resta-nos à esperança da repetição do velho milagre mitológico: que das cinzas do Copacabana renasça um novo Fenix.



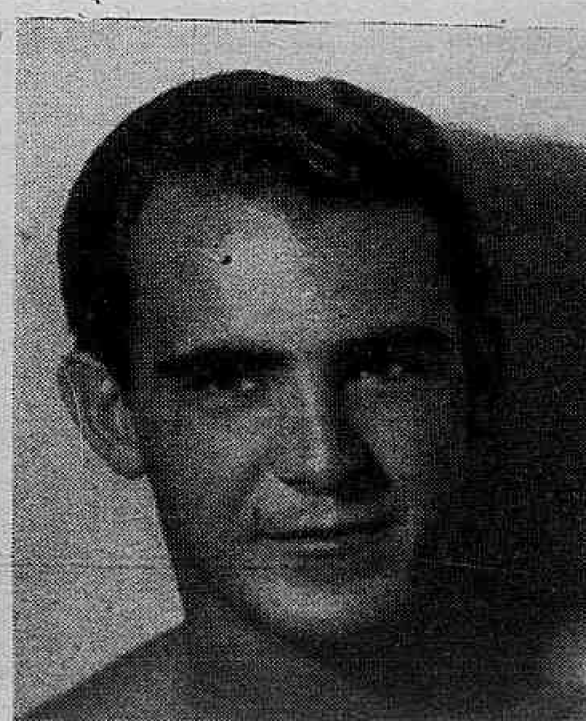
LAURA SUAREZ



FRANCISCO DANTAS



FERNANDA MONTENEGRO



CILO COSTA

Henriette Morineau, Laura Suarez, Francisco Dantas, Fernanda Montenegro, Lígia Nunes, Aurora Aboim, Cilo Costa, Judith Vargas, Armando Braga — eis a equipe esplêndida de «Os Artistas Unidos», em busca de uma casa de espetáculos para exibir sua arte admirável. O incêndio destruiu 15 cenários e o guarda-roupa das peças do repertório. A todos êsses prejuízos junta-se um mal maior: sem teatro. O República vai recebê-los para uma grande temporada, a preços populares. Mas o Teatro Fenix seria a melhor solução, coerente com a tradição e o mérito do grupo. Enquanto isso a peça «Daqui não Saio», que se achava em fase adiantada de ensaio, terá a sua estréia adiada.



O pequeno Robertinho celebrou seu terceiro aniversário em Nápoles, enquanto seu famoso pai realizava ali, «Viagem na Itália», e até brindou com champanha o acontecimento. Rosselini e Ingrid, com as gêmeas, tomaram parte na festa improvisada...

NA INTIMIDADE DOS ROSSELINI

UMA TARDE COM O FAMOSO DIRETOR E SUA NÃO MENOS FAMOSA ESPÔSA ★ NA RESIDÊNCIA DO CASAL, ONDE MORA A FELICIDADE... ★ ROSSELINI FALA DE SEUS FILMES E INGRID SORRI ★ HÁ MUITA COISA POR TRÁS DE SEU SORRISO E DAS ATITUDES DE ROSSELINI, QUANDO ESTÁ DIRIGINDO... ★ E' SÔBRE ISSO QUE FALAMOS NESTAS NOTAS.

Correspondência especial de GUIDO MASTROJJANNI
(Exclusivo para «A CENA MUDA»)

Sôbre a minha mesa de trabalho encontrei um bilhete assinado por Roberto Rosselini. Dizia o seguinte:

— Venha até nossa casa amanhã. Conversaremos.

Lembrei-me que eu mesmo insinuara o convite quando de um encontro casual no escritório de um certo produtor. A curiosidade em tôrno da vida íntima de Rosselini e sua famosa espôsa aumenta cada vez que uma notícia mais ou menos indiscreta consegue passar pelas malhas da vigilância que o conhecido Diretor houve por bem estender em volta de sua casa e de sua família. Êle acha, com muita razão, que sòmente sua vida de diretor cinematográfico pertence aos fãs, e que êsses não têm o mínimo direito de esmiuçar as particularidades de sua vida privada, seja ela desenvolvida entre quatro paredes ou nas estações de veraneio...

Eu ia pensando em tudo isso enquanto viajava rumo à residência do casal, situada nos arredores de Roma. O carro desenvolvia regular velocidade e não seria muito rápida a viagem. Tanto melhor, pois teria tempo de pensar como deveria agir, quando penetrasse no lar dos Rosselini. Sabia perfeitamente que tanto Roberto como Ingrid, eram anfitriões conhecidíssimos pela amabilidade. Seriam incapazes de cometer uma grosseria, por menor que fôsse. Chegaram a correr sôbre o Diretor certas inverdades, acusando-o injustamente de um "malcriado", disposto a brigar por um simples olhar para a sua mesa ou à sua passagem. Seria impróprio, nesta crônica, uma classificação dêsse tipo de gente ligada à imprensa, que sempre escreve as notícias com vidro de aumento, pondo superlativos onde êles não cabem. Enfim,, nem tôda profissão pode ter o prazer de contar com gente escolhida e deve contentar-se com aquilo que aparece nos dias difíceis que vivemos...

A rápida palestra mantida com Rosselini havia me dado uma certeza. Êle era profundamente feliz em companhia da espôsa e acreditando no que ela tem dito a tôda imprensa, durante filmagens ou recepções. Ingrid também é feliz; nunca foi tão feliz! Rosselini lhe deu aquilo que ela mais ansiava possuir: filhos. Ingrid tem feito confidências de certo modo interessantes para revelar aqui. Tem dito às amigas que um lar não pode prescindir do chôro e do riso de uma criança. Isso é o que não falta agora em sua casa. Eu ainda estava preocupado com meus pensamentos quando o carro alcançou a residência dos Rosselini. Êle próprio veio me receber na ampla, sala e ofereceu-me uma cadeira, enquanto providenciava um aperitivo, dizendo com um sorriso:

— Não compreendo uma visita sem um "drink"...

Examinei curioso, o ambiente em que me encontrava. Ouvi risos de Ingrid e Robertinho não muito longe dali. Enquanto preparava a bebida, Roberto me observava e assim notou o meu interêsse pelo que se passava no interior. Achou que me devia uma explicação sôbre Ingrid e falou:

— Ingrid não tarda. . Fique à vontade...

Trouxe a bebida e eu tomei em goles pequenos. Rosselini fazia o mesmo até que pediu desculpas e desapareceu no interior, oferecendo-me antes alguns discos para ouvir na linda eletrola. Não queria ouvir música naquele momento. Estava interessadíssimo em palestrar com Ingrid e vê-la como dona de casa, cercada dos pequenos.

Ingrid chegou radiante e sorrindo, em companhia do espôso e de Robertinho, que é sem dúvida, um garôto muito inteligente e com a fisionomia mesclada de Ingrid e Roberto...

Passamos a conversar sôbre cinema. Rosselini falava de seu

O casal Rosselini mostra-se feliz numa recepção. Ingrid «abusa» de seu sorriso.



último filme, recentemente terminado, ou seja "Viagem na Itália". Eu já estava a par do enredo e do trabalho de Rosselini, e agora posso transmitir a vocês do Brasil.

O tema de "Viagem na Itália" consegue o milagre de fazer viver os personagens fora do ambiente onde até então haviam vivido. Ingrid Bergman e George Sanders interpretam um casal de inglêses que circunstâncias diversas obrigam a residir na Itália. As relações entre ambos são frias, pouco profundas, conservando-se um limite entre os dois, apesar do casamento. Êles se fixam em Napoles com a mesma frieza com que haviam vivido até ali, mas Katherine, personagem que Ingrid Bergman desempenha, ao contácto com a natureza sente transformar-se o sentimento que a ligava a Alexandre (George Sanders), que é o último a sentir a mudança, porém quando a compreende, resolve enfrentar a realidade e aceitar o destino. Nasce entre os dois um amor sincero que encerra a história singela de "Viagem na Itália".

Rosselini falava sôbre seu filme e eu pensava num fato curioso. Cada filme do famoso diretor encerra algo de polêmica, inclusive em "Viagem na Itália". E' uma polêmica autobiográfica, porque sua tendência é demonstrar que sob uma luz diferente podem transformar-se as relações entre pessoas que eram vítimas do convencionalismo. Rosselini não diz, porém o matrimônio inglês, que êle mostra no seu filme, deixa transparecer o intuito de comparação com a história de Ingrid e Roberto, ainda que as situações dos personagens sejam bem diversas e se assemelhem apenas quanto à mentalidade e a educação.

Ao almôço trocamos idéias diversas e Ingrid não parava de sorrir, pondo no meu espírito uma tranqüilidade profunda, por sentir que estava entre amigos e não entre um diretor e sua "estrêla", famosa e difícil, segundo a impressão geral.

Depois fui visitar os dois gêmeos de Rosselini e Ingrid, que dormiam plàcidamente. Reparei bem no olhar maternal de Ingrid diante dos filhos que ela adora, mais que a própria carreira. Saí da casa dos Rosselini certo de que a felicidade mora ali e que tanto Rosselini como Ingrid, empenham-se em conservá-la enquanto durar aquela união, lógica em todos os sentidos, se levarmos em conta que atrás daquela dureza de atitudes de Rosselini ao dirigir, e por trás da máscara de grande "estrêla" de Ingrid diante de seus fãs, existem duas criaturas que procuram cada vinte e quatro horas de seu dia, a harmonia e a compreensão, bem longe de todo êsse mundo falso em que vivem quando se transformam.



Com os Chaplin numa festa, Ingrid cumprimenta a espôsa do genial comediante.

217 LIVROS DE BÔLSO, FABULOSOS E BARATÍSSIMOS!



- O que todos os homens devem saber para conquistar a MULHER — Nº 124 — 20,00
- O que toda a mulher deve saber PARA CONQUISTAR o HOMEM — Nº 136 — 20,00
- SENSUALIDADE — Páginas sensuais de: Pitigrilli, O Bilac, A France, Victor Hugo, Vargas Vila, Camões e outros — Nº 131 — 20,00
- SENSUALIDADE — Páginas sensuais de: Bocaccio, Baudelaire, Vargas Vila, Petrônio, Casa Nova, Zamacois, D.H. Lawrence, Aluizio Azevedo e outros — Vol. II — 132 — 20,00
- SENSUALIDADE — Vol. III — 133 - 20,00
- SENSUALIDADE — Vol. IV — 134 - 20.00
- A CARNE — Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- ENFERMIDADES SEXUAIS — 160 - 20.00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres — Vol. I — Luiz A.P. Victoria — 80 15 09
- Dicionário de Citações de Frases Célebres — Vol. II — Luiz A.P. Victoria — 144 - 15.00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres — Vol. III — Sobre o Amor — Luiz A.P. Victoria — 189 15.00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres — Vol. IV — Luiz A.P. Victoria — 196 15,00
- Dicionário Pitman — Inglês Português — 57 — 25.00
- Inglês para as Américas — A new textbook for Brazilian students — 52 — 20,00
- Formulário de Matemática — Nº 37 — 20.00
- Instalações Elétricas — 38-60,00
- Modêlos de Cartas Sentimentais — 163 - 15.00
- Erros de Português e suas correções — Nº 28 — 15,00
- Luiz A.P. Victoria — A Ortografia Correta em poucas lições, sem professor e sem dicionário — 168 - 15.00
- Fala e Escreve corretamente a tua língua — Crase, Pontuação, Acentuação, Concordância, Barbarismos etc. etc. — Nº 27 — 15.00
- Luiz A.P. Victoria — Tira-Dúvidas de Português — Pequeno dicionário — 69 - 15,00
- Luiz A.P. Victoria — 500 Testes de Português passados em concursos do DASP — 219 - 15.00
- Luiz A.P. Victoria — Dicionário de Sinônimos — 242 - 15.00
- Formulário de Correspondência Social e Familiar — Cartas, Anúncios, Telegramas — 162 - 15.00
- Técnica e Prática Sexual — Havil — Nº 2 — 20.00
- Manoel Macêdo — Cartas de Amor — Nº 20 — 15.00
- Manoel Macêdo — Correspondência Amorosa — Frases escolhidas — I vol — Nº 21 — 15.00
- Modelos de Cartas para todos os fins — I vol — Nº 90 — 15.00
- Modelos de Cartas para todos os fins — II vol — 257 - 15.00
- Multiplicação de Plantas — Estacas, Mergulhos, Alporques — 49 — 15.00
- Enxertia Prática — 50 — 15.00
- Calendário do Jardineiro Amador — Épocas de plantio e colheita — Nº 16 — 15.00
- Dicionário de Provérbios Brasileiros — I — Nº 88 — 15.00
- Dicionário de Provérbios Franceses — Nº 8 — 15,00
- Aprenda a Dirigir sòzinho — 141 - 15,00
- Manual do Motorista — Mecânica - Trafego — Nº 36 — 15,00
- Enguiços do Automóvel — 138 - 15,00
- Eletricidade do Automóvel — Consertos — 61 - 15,00
- Guia do Mecânico do Automóvel — 188 - 15,00
- Rádio para Principiantes — 146 — 15,00
- Método de Datilografia — Rápido e Prático — Nº 96 — 15,00
- O Conde de Montecristo — A. Dumas — 223 - 10,00
- Vigor Sexual — Aumente, Conserve — Nº 6 — 20,00
- Amôres de um Médico — 243 - 10,00
- O Moço Loiro — 228 - 10,00
- Como evitar a Solidão Amorosa — Como conquistar e arrumar namorada — Nº 18 — 15.00
- Dicionário da …tologia — Luiz Victoria — Nº 9 — 15.00
- Test para os seus Conhecimentos — Luiz Victoria — Nº 34 — 15.00
- Testes de Inteligência — Útil - Instrutivo — Contagem de pontos — Nº 78 - 10.00
- Táticas de Xadrez — Nº 123 — 15.00
- Curiosidades e Extravagâncias deste e do outro mundo — 150 — 15.00
- Regras Oficiais do Futebol — 190 - 15,00
- Basquetebol — 211 - 15,00
- Guia de Massagens — 187 - 15,00
- Jiu-Jitsu sem mestre — 129 — 15,00
- Costumes Sexuais Estranhos — Nº 4 — 15.00
- Habilidades e Proezas da Juventude — Jiu-jitsu, Laço cow-boy, Acrobacias, Amestrar cães — Nº 137 — 15.00
- Crime e Castigo — Dostoiewsky — 207 - 10,00
- A Felicidade Sexual no Casamento — Nº 3 — 15,00
- Você Sabe Conversar? — 186 - 15,00
- A Cura da Impotência Sexual — Dr. Arthur R. — 191 - 20,00
- Romance de um Moço Pobre — Octavio Feuillet — 248 - 10,00
- O Homem que Ri — Victor Hugo — 210 - 10,00
- Práticas Sexuais no Matrimônio — Nº 125 — 20,00
- Contos do Vigário, Pulo dos Nove e outras Trapaças — 185 15,00
- A Ilha do Tesouro — R.L. Stevenson — 252 - 10,00
- Sucessos Musicais em Sambas e Valsas — Nº 177-Cr$15,00
- Fatos Curiosos e Inacreditáveis — 151 — 15,00
- A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10.00
- Os Melhores Pratos da Cosinha Francesa — Nº 79 — 10,00
- A Arte de Fazer Doces — Nº 85 — 15,00
- Pratos Econômicos e Saborosos — 221 - 15,00
- Horoscópios para todos — 197 - 15,00
- As Chaves de Salomão — 198 - 15,00
- As Amantes do Imperador — 206 - 10,00
- A Dama das Camélias — Alexandre Dumas Filho — 229 - 10,00
- Vença a Timidez Sexual — 145 — 20,00
- Homeopatia para Todos — 199 - 15,00
- Métodos científicos e modernos para limitar os filhos — 87 - 20,00
- Levantamento de Peso — 212 - 15,00
- Guia do Crack — 260 - 15,00
- A Mulher de 30 Anos — H. de Balzac — 270 - 10,00
- A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — 92 — 15,00
- Aprenda a Fazer Versos — 171 — 15,00
- As Leis Trabalhistas Simplificadas — 253 - 15,00
- Discursos para todas as ocasiões — Nº 122 — 15.00
- Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
- Aprenda a Dançar sem mestre — Marcha, Rumba, Valsa, Bolero, Baião, Batucada, Tango e outros, Samba — 170 - 15,00
- Assim se Emagrece Comendo — 156 — 15.00
- Método de Corte e Costura sem mestre — 236 - 15,00
- Construi a tua Personalidade — 183 - 15,00
- Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20.00
- Elimine o seu Complexo de Inferioridade — Nº 139 — 20,00
- Coleção Perereca para Crianças — Tareco e o Automóvel — 276 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — O Gatinho Perdido — 202 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — Enfrentando o Perigo — 205 - 6,00
- Aprenda a fazer Mágicas — 158 - 15,00
- O Livro das Mágicas — Nº 68 — 10,00
- Jogos de Cartas (Regras) — 51 - 15,00
- Quebra-cabeças, Mágicas e Passatempos — Nº 22-15.00
- Cock-Tails de Palavras Cruzadas — por A. Fernando Sousa — 157 — 10,00
- Como se fazer Amar — Nº 23 — 15.00
- 1001 Informações Úteis — I vol. — Dinheiro, cheques, promissórias, duplicatas, warrants, letras, contratos, penhores, hipotecas, aval, endosso etc. — 192 - 15,00
- 1001 Informações Úteis — II vol. — 247 - 15,00
- Coleção Perereca para Crianças — Sonho do Mágico dos Bichos — 271 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — Pintinhos Convencidos — 204 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — Quiquico a Macaquinha — 203 6,00
- A Santa Cruz de Caravaca — Tesouro de Orações — Nº 94 — 15.00
- O Verdadeiro Livro de São Cipriano — 194 - 15,00
- Problemas Sexuais dos Solteiros — Nº 66 — 15,00
- Hipnotismo Prático — Nº 15 — 15,00
- Métodos para Hipnotisar — 147 — 15,00
- Como tirar a Sorte — Cartas, Dados, Bola de Cristal — Nº 39 — 15,00
- Como Ler as Mãos — Conheça o futuro — Nº 14 — 15,00
- Coleção Perereca para Crianças — O Estouro dos Sacis — 280 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — As Barbas de Papai Noel — 267 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — A Pequena Costureira — 264 - 6,00
- Coleção Perereca para Crianças — A Pequena Dona de Casa — 281 - 6,00

VENDAS:

RIO: AV RIO BRANCO, 25 - RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

SALVADOR: PRAÇA DA SÉ, 20 e 22.

RECIFE: RUA DA PALMA, LOJA 6 (EDIFICIO DOS COMERCIÁRIOS)

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

INTERIOR:

PEÇA PELO **REEMBÔLSO POSTAL** ENVIANDO SEU PEDIDO, PELO TALÃO AO LADO. PARA O RIO DE JANEIRO.

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 8-9 — Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

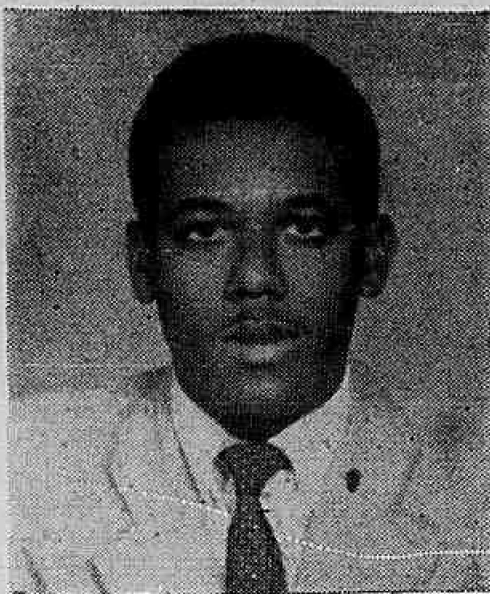
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..
RUA..
LOCALIDADE..
ESTADO..

UM LUGAR AO SOL



O leitor Paulo Leonel, de Bauru, Estado de São Paulo, é um valor novo na composição popular. Êle tem prontas para lançamento, aproximadamente, vinte e cinco músicas. Escreveu à "Cena Muda" pedindo uma oportunidade e valê-la, pois um de nossos compositores aceitou algumas de suas melodias, concordando em burilar as letras e a música. Paulo Leonel é admirador de Lúcio Alves e espera que seu cantor grave também um samba-canção, entre os muitos que êle compôs.

Correio de A Cena

★ O leitor Vítor Marcel, de Caxambu, Sul de Minas, envia uma colaboração sôbre o rádio e agradece a publicação, se tiver merecimento.

O seu trabalho, Vítor Marcel, vai ser aproveitado em nossa secção de rádio. Mande outros. Sugerimos que envie regularmente uma crônica sôbre o rádio em Caxambu, o que será fácil dada a sua ligação com a emissora local. Aceitaremos fotos dos principais artistas e dados sôbre os mesmos. Envie, também, sua foto para a nossa galeria de colaboradores permanentes. E muito sucesso para a sua emissora aí no Sul de Minas.

★ O colaborador permanente de «A Cena», Cícero Lopes, de Santa Catarina, escreve:

«Peço-lhe, outrossim, o favor de me responder através do Correio de «A Cena», o que achou de minhas colaborações».

Será preciso dizer, Cícero Lopes? Estamos publicando os seus trabalhos, escritos, aliás, com sentido objetivo e estilo agradável. Continue enviando crônicas e reportagens, pois você já está no nosso quadro de colaboradores permanentes. Quanto ao retrato, será difícil devolvê-lo, porque ficará arquivado. Os exemplares, com seus trabalhos publicados, serão remetidos breve.

★ O leitor José Viana do Vale Filho, de Belo Horizonte, Minas Gerais, pede em sua carta:

«Pedir a v. s. que sejam publicadas nesta revista, algumas reportagens sôbre o cinema antigo».

Página do Leitor

Pedidos iguais ao seu, José Viana, foram devidamente anotados para serem atendidos brevemente. O cinema antigo será objeto de uma secção que «A Cena» vai lançar em um de seus próximos números. Quanto às coleções, pedimos que você escreva diretamente à Gerência para obter uma informação mais detalhada. Mande uma opinião sôbre a nova fase da «A Cena» e um retrato para a nossa «Galeria de Leitores» e sempre às ordens, José Viana!

★ Jayel Rocha, de Benfica, Rio de Janeiro, escreve:

«Sou leitor assíduo desta conceituada revista de cinema há bastante tempo e mantenho um desejo ardente de nela poder colaborar».

Seu trabalho, Jayel Rocha, foi aproveitado e isso quer dizer simplesmente que você pode mandar outros colaborações, dependendo sempre de nossa aprovação. Considere-se desde já em nosso quadro de colaboradores permanentes, e se quiser, envie crônicas mais extensas sôbre determinado artista, do cinema, principalmente, inclusive, do cinema nacional. Vamos estudar a possibilidade de uma colaboração sua, mais efetiva em «A Cena». Solicitamos um retrato seu para a nossa Galeria e opinião sôbre a nova fase. Combinado?

★ A leitora Maria A. Silva, do Rio de Janeiro, escreve em sua carta:

«Venho solicitar a v. sa. a letra de algumas músicas».

Sua carta, Maria Silva, foi entregue ao responsável pela secção «Sucessos do Momento» para que êle atenda o seu pedido. Escreva sempre, enviando, se possível, uma foto para a nossa Galeria de Leitores e opinião sôbre a nova fase desta revista. O.K.?

★ Araken C. Pereira Jr., Santos, São Paulo, diz em sua carta:

«Animado, com a boa vontade que o senhor vem demonstrando para com tantos leitores dessa conceituada revista, leitores êsses, entre os quais me incluo...»

Não, Araken, os redatores não ficam aborrecidos com as cartas dos leitores, antes, pelo contrário, ficam satisfeitíssimos com essas demonstrações de amizade. Seu trabalho sôbre Graça Melo foi publicado com destaque nesta página. Envie outros e seu retrato também para a nossa Galeria de Colaboradores permanentes, pois você já é considerado um dêles. Grato pela sinceridade dè suas opiniões a respeito de «A Cena». Cartas estimulantes como a sua, deviam chegar aos punhados à nossa mesa, pois só assim sentiríamos, realmente, a impressão real dos leitores sôbre a nova fase. Obrigado, Araken Pereira e volte a escrever! O.K.?

★ O leitor Dorival Carneiro Pereira, do Rio de Janeiro, envia outra colaboração que muito agradecemos. Continue, Dorival, você está agora incluído no quadro de colaboradores permanentes de A CENA.

★

★ O leitor Aldo Felício Naleto, de São Paulo, diz em sua carta:

«Uma fase não menos digna de aplausos é a de «Página do Leitor», onde os mesmos são atendidos com carinho, além de poderem lançar suas respectivas opiniões, com relação à cinematografia nacional e estrangeira.

Aldo Felício envia um trabalho: «Elas também merecem ser lembradas», que aguarda publicação. Obrigado, Aldo Felício, e escreva quantas vêzes quiser. Suas colaborações serão lidas com interêsse e aproveitadas. Envie retrato para a «Galeria dos Leitores». O. K.?

★

★ O leitor Anselmo Svaizer enviou retrato para a secção «Um lugar ao sol». Sairá muito breve, Anselmo. Pode aguardar.

GALERIA DOS COLABORADORES PERMANENTES



Estampamos hoje a foto de nosso colaborador permanente, CÍCERO LOPES, de Lages, Santa Catarina, de onde nos envia regularmente, crônicas e reportagens. Uma delas, que causou vivo interêsse entre nossos leitores, foi "Qual será a Rainha?". Outros trabalhos de Cícero Lopes serão publicados muito breve nesta Página do Leitor.

AOS LEITORES

PUBLICAMOS hoje nestas páginas, um cupão para ser preenchido pelos leitores de A CENA, os mais antigos e os mais novos também, todos naturalmente interessados em participar da grande festa que esta Revista está preparando para homenageá-los. Infelizmente a distância impedirá que os leitores do interior participem, mas prometemos se tudo sair como esperamos, repetir a festa nas principais capitais, embora isso esteja ainda no futuro. Os leitores do Rio e de Niterói e aquêles que puderem estar na Cidade Maravilhosa, no dia da festa, devem preencher o cupão e remetê-lo para A CENA, rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar — Rio de Janeiro.

Sou leitor(a) de «A CENA MUDA» desde:

....

(Dia) **(Mês)** **(Ano)**

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

NOTA: — Não lembrando-se do dia e do mês, cite o ano em que começou a ler esta revista. Os leitores mais antigos receberão uma lembrança, por ocasião da Festa dos Leitores de «A CENA».







TREVOR HOWARD: «O Pária das Ilhas».



ALIDA VALI: «O Terceiro Homem».



BOBBY HENREY: «O Ídolo Caído».



JAMES MASON: «Condenado».

O QUARTETO DE CAROL REED

Do leitor GERALDO EDSON

DENTRO da cinematografia britânica um nome existe que é altamente admirado por todos os apreciadores do bom cinema. Refiro-me a Carol Reed, o inteligente e excepcional diretor, responsável por quatro grandes realizações de importância; realizações que elevaram a Inglaterra no domínio da sétima arte em todo mundo, confirmando o grau superior de argúcia em sua produção de filmes.

Embora dirigindo há muitos anos, Carol Reed sòmente encontrou a sua «chance» perante os críticos, quando orientou a versão cinematográfica do conhecido romance de A.J. Cronin, «Sob a Luz das Estrêlas», protagonizada por Margaret Lookwood, e saudada com grandes elogios pelos entendidos. Mesmo assim, não obstante ter sido alvo de críticas elogiosas, pôde o diretor inglês desfrutar de um ambiente mais propício para o seu talento, fato êste que só veio a surtir efeito quando da apresentação de «O Condenado», a primeira fita de seu quarteto direcional.

Filme forte, tendo como cenário as misérias e a sordidez do bairro mundo de Dublin, deu a James Mason a oportunidade de alcançar a sua maturidade artística com um desempenho vigoroso. Extraído de uma história de Graham Greene, — que parece ser o escritor predileto do cineasta, — «Od Man Out» figura entre as melhores películas que captaram o drama dos fugitivos da lei, tendo Reed empregado em sua confecção, uma linguagem ríspida, impregnada de suspense, como poucas vêzes se viu na tela.

O seu celulóide seguinte, — «O Ídolo Caído», — trouxe diversas inovações, tendo sido a primeira fita a analisar as emoções de uma criança e a sua visão do mundo dos adultos. Mais uma vez Reed teve sob suas ordens uma equipe de valor, destacando-se os trabalhos magistrais de Ralph Richardson e Michele Morgan. No entanto, a sensação máxima de «The Fallen Idol», foi um garôto de oito anos de idade, transformado em um ator na acepção da palavra: Bobby Henrey, que desmoronou o velho tabu existente em relação aos atores infantis, trabalhando satisfatòriamente bem.

Aplaudido e comentado em todo mundo, em virtude, talvez, do seu modo único de narrar cinematogràficamente, Carol Reed não se deixou usufruir pela popularidade, e novamente baseado em uma novela de Greene, realiza a mais famosa de suas fitas: «O Terceiro Homem».

Nesta sua produção, nota-se o arcabouço com que foi planejado os menores detalhes que compõe um filme, fato que serviu para o seu sucesso. Embora tendo como parte intrínseca de sua trama a cidade de Viena, «The Third Man» não é uma película embalada pelas belas valsas de Strauss, porque sua história é um vigoroso ataque ao seu mercado negro, cheio de intrigas e dramas esquálidos.

Em lugar das velhas e românticas valsas, o som da cítara de Anton Karas sublima as imagens de uma maneira estranha, penetrando na obra de Carol Reed, proficuamente. Manejando grandes atores como Joseph Cotten, Alidar Valli, Trevor Howard, e num pequeno, porém, grande papel, o exuberante Orson Welles, Reed comprovou o seu inefável talento como diretor.

A sua última contribuição à cinematografia inglêsa, — «O Pária das Ilhas», — foge à regra de suas realizações anteriores, porque deixa de lado as novelas de Graham Greene, aproveitando um romance de Joseph Conrad; e também, por causa das modificações feitas em sua narrativa. Em «O Pária das Ilhas», já não encontramos o Reed preocupado em resolver um mistério qualquer, levando a sua camera em busca de personagens para acompanhar-lhes de perto as emoções; aqui temos o cineasta a esmiuçar cinematogràficamente o ambiente, dando ao seu conteúdo, a característica de regionalismo que muito a prejudicou, pois foi dominado por completo pela esfera nativa em que se desenrola seu filme.

Contudo, a transposição do romance de Joseph Conrad para a tela, reflete a excelente qualidade de uma obra de cinema da mais alta classe, honrando a filmoteca da mais elevada expressão do cinema britânico. Tirando partido da beleza nativa de Kerima, da expressão fisionômica de Trevor Howard e do talento de Robert Morley, a sua última produção encerrou um quarteto maravilhoso de cinema que, por certo, jamais será olvidado pelos amantes do cinema arte!

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

ENDEREÇOS DOS ESTÚDIOS

Para escrever ao seu artista predileto, basta remeter sua carta aos seguintes endereços:

HOLLYWOOD

Col — **Columbia Pictures,** Hollywood. Califórnia, U.S.A.E.L. — **Eagle Lion Studios,** 1324, Santa Monica Boulevard, Los Angeles, Calif.

W. D. — **Walt Disney Productions, 2 400** W. Alameda Avenue, Burbank, Calif.

Par. — **Paramount Pictures,** 5451 Marathon Street, Hollywood, Cal.

Rep. — **Republic Pictures,** 4024, Radford Avenue — N.º Hollywood, Califórnia.

R. K. O. — **RK0-Radio Studio,** g80 Gower Street, Hollywood, Calif.

S. G. — **Samuel Goldwyn.** 1041 N. Formosa Avenue.

Sel. — **David Selznick.** Washington Boulevard Culver City, Calif.

20th.C. — **20th. Century-Fox Studios** — Box n.º 900, Beverly Hills, Califórnia.

U. A. — **United Artists Studios,** 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia.

UNIV — **Universal International Films Inc.** Universal City, Calif.

WB — **Warner Bros. Studios,** Burbank, Calif.

BRASIL

Atlântida Cinematográfica — Rua México, 51.
Astra Filmes — Sta. Luzia n. 285 — Telefone: 32-7588.
Botelho Filmes — Jorge Rudge n. 37 — Telefone: 48-2111.
Brasil Vita Filmes — Rua Conde de Bonfim n. 1331 — Telef.: 38-3497.
Capital Filmes — Avenida Franklin Roosevelt n. 126 — Telef.: 42-3175.
Alexandre Wulfes — R. Paulino Fernandes — Telefone: 26-8132.
Cinédia — R. V. Buenos n. 30 — Telefone: 48-1653.
Tropical Filmes — Av. Calógeras n. 52 — Telefone: 52-4441.
Cinematográfica Sol Brasileira — R. Argentina n. 51 — Telef.: 48-0381.
Cine Produção Fenelon — R. Alvaro Alvim n. 24 — Telef.: 42-1551.
Imperator Filme Ltda. — R. México, 7-b — Sala 606 — 6.º andar.
Vera Cruz — Major Diogo, 311 — S. Paulo.
Intercontinental Filmes — Av. Amaral Peixoto n. 178 — 5.º andar — Niterói.
Filmoteca Cultural — Rua Álvaro Alvim n. 33/7 — Telefone: 42-0651.
Sacra Filmes — Rua Evaristo da Veiga, 16 — 8.º andar, sala 807.
Maristela — Edifício Otávio Guinle — São Paulo.
Flama — Rua Laranjeiras, 291 — Telefone: 25-6820.
Juventus Filmes — Pres. Vargas, 446 — 22.º andar — Sala 3307 — Caixa Postal 3244.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

HERÓIS FORA DA TELA

(Continuação da pág. 11)

Não pára aqui a atividade de Stanley Kramer, que alguém chamou certo dia em uma crônica, "O Salvador de Hollywood". Entre seus projetos está uma viagem a Paris. Êle mesmo assegura aos amigos e colaboradores: "Farei tudo que seja bom e sobretudo cinematográfico".

Entre as realizações marcadas para os próximos anos, Kramer incluiu "The Roosevelt Story", sôbre a vida do extinto presidente dos Estados Unidos. Convém esclarecer que a própria mrs. Roosevelt escolheu Kramer entre os que pretendiam filmar a vida de seu marido, dizendo: "Estou segura que êle também o escolheria"...

Encerremos estas breves notas sôbre um dos heróis fora da tela, com duas frases muito em moda nos dias que correm: "Os filmes fazem os produtores" e "Os bons produtores salvam os filmes". Kramer, sem dúvida, está agora na segunda condição, eleito pela própria Hollywood — a Cidade do Cinemaê (Fotos United Artists).

A MULHER QUE...

(Continuação da pág. 17)

Quando Caddulo soube por Leonardo do que se passava, fêz esforços para reprimir sua raiva. O pai de Antonella punha o Barão a par dos progressos da família:

— O Príncipe Equícola, nosso grande amigo, acaba de conseguir que Antonella seja recebida na Sociedade, com tôdas as honras de Condêssa... Meu caro Caddulo, não tardará o dia em que Raniero voltará ao Regimento e tudo será como antigamente... Compreendi que êles se amam e começo a gostar de Gilli... Não poderia ser mais feliz...

No dia seguinte êle mandou chamar Malvina, criada de confiança dos Passadonato e obrigou-a a roubar as cartas. A jovem relutou em atender ao Barão, mas diante de suas ameaças não teve outra saída. Traiu a patroa e trouxe as cartas para Caddulo.

O Barão investe mais uma vez sôbre Antonella e é repelido na sua paixão incontida. A recusa ferve-lhe o sangue e êle vai procurar Gilli na fazenda onde está cuidando dos cavalos do Marquês. O Conde espanta-se com a visita do Barão, mas resolve atendê-lo.

— Vim para lhe mostrar uma coisa interessante...

Notando o olhar de curiosidade de Gilli, Caddulo diz pausadamente:

— Posso provar que Antonella não lhe é fiel...

Gilli avançou para êle disposto a darlhe uma bofetada pelo atrevimento do que dissera, mas o Barão, rápido, exibiu-lhe a carta como prova.

— Está aqui a prova! Veja com seus próprios olhos! E logo com um velho!

Gilli leu e releu a pequena carta de sua espôsa ao Príncipe Equícola e deixou-se cair numa poltrona, completamente abatido e com o olhar distante. Não queria acreditar, mas a carta ali estava, gritando-lhe a infidelidade de Antonella. E logo com um velho, pensou humilhado!

Caddulo, a um canto, sorria de satisfação. Conseguira atormentar Raniero e destruir os planos de felicidade do casal. Antonella, abandonada pelo marido, seria sua, inteiramente sua!

★

Naquela mesma noite, Gilli força Antonella a uma confissão e o que diz não o deixa menos desgostoso e desesperado.

— Não é verdade! Não é verdade, Gilli... Eu juro...

— E esta carta? Vamos! Diga!

— Eu usei o Príncipe para conseguir que você fôsse chamado pelo Marquês... sòmente para isso... Eu juro!

O Conde não quis ouvir mais nada. Saiu de casa e foi beber com os amigos. No dia seguinte alistava-se para lutar na Líbia.

Malvina, arrependida do que fizera, contara a Antonella tôda a verdade. A jovem foi visitar o Barão disposta e reaver as cartas que restavam.

Caddulo recebeu-a com um sorriso e quis possuí-la depois pela violência Antonella reagiu e lutou com êle, arranhando-lhe o rosto. Conseguiu sair com as cartas, correndo logo para a estação. Chegou a tempo de mostrar as cartas ao marido, pedindo-lhe perdão!

— Eu voltarei, Antonella... Espere por mim...

Os olhos de Antonella, cheios de lágrimas, levantam-se humildes para o espôso que ela abraçava com paixão. Beijou-o várias vêzes e sentiu então que fôra perdoada. Quando êle voltasse sua felicidade seria completa!

HOMENS EM REVOLTA

(Continuação da pág. 25)

rígido, inescrutável... Aparece Jane e sem uma palavra toma seu lugar. Dois segundos depois entra seu marido assoviando "Cielito Lindo", com boa aparência.

— Bom dia, tia Camille; bom dia, papai — saúda com desenfado o recém-chegado. Mas ao ver Jane, troca de atitude.

— Vejo a tribo reunida... Onde está meu primo Kirk?

— No campo, fazendo seu trabalho e o teu! — responde o velho Matt.

— Papai, se pretendes me dar sermão, não o faças diante da senhora Denbow.

Jane faz menção de retirar-se, e Matt grita:

— Fique onde está!

E voltando-se para o filho, conclui:

— Jane ouvirá o que tenho a dizer-te.

Glenn caminha para a porta. Matt Denbow ràpidamente colhe o chicote e golpeia o filho no pescoço, prendendo-o. Glenn, com ódio, encara o pai e murumra:

— Se fôsse outro, eu o mataria!

— Glenn... ou renuncias a esta vida de loucuras e assumes tuas responsabilidade aqui, ou irás embora para sempre!

O velho pronuncia seu ultimatum sem se alterar. O olhar de Glenn reflete tôda sua humilhação e desconcêrto. Reparando na atitude de compaixão de Camille e de Jane, êle escolhe o caminho que se concilia com seu amor próprio. Vai embora.

Glenn se refugia nos braços de Lottie, tentando esquecer Jane, a única mulher a quem ama realmente, e deseja com tôdas as fibras de seu ser. Dave chega pouco depois com uma proposta: roubar o gado da fazenda, pois Kirk e os demais vaqueiros estão empenhados em defender a propriedade dos ataques dos colonos de Kansas. Glenn repele o plano de Dave e êsse parece aceitar as razões do rapaz, mas volta à noite para dizer que está tudo pronto.

Como Glenn continua negando-se a participar do roubo, êle fala do revólver e Lottie diz tôda a verdade:

— Ouça-me, precioso... Talvez teu velho te deixe uma boa fortuna, e talvez não te deixe nada... prefiro não arriscar... Será melhor ter o dinheiro na mão, agora, a esperar pelo futuro. Se não quiseres, amanhã pela manhã o "sheriff" terá nas mãos a prova que tanto procura.

— O dinheiro será dividido em três partes. — atalha Dave com um sorriso.

Vencido, Glenn concorda em roubar o gado da fazenda para satisfazer às vaidades de Lottie.

Meia noite. Kirk, com uma manta sôbre os ombros, vigia, sentado em um tronco diante do fogo, o sono de seus fiéis mexicanos... De repente galopes de cavalos acorda todo mundo. De revólver na mão, Kirk espera e vê com surprêsa que é Jane quem chega em companhia de Bandera.

— Jane!

— Kirk, eu tinha que ver-te. Os colonos estão dispostos a cortar a cêrca!

— O chefe manda dizer, mr. Denbow, que deve correr com tôda sua gente para juntar-se a êle e evitar a invasão! — acrescenta Bandera.

— Kirk! Que direito temos nós de impedir que essa gente tome conta de terrenos que o govêrno ofereceu?

— Jane... é melhor que eu vá atender meu tio...

— Tenho receio, Kirk, que tu não voltes mais...

— Jane...

Kirk compreende, finalmente, que a jovem ama-o de todo o coração. Toma entre as suas aquelas mãos brancas e trêmulas e beija-as. Nesse momento chega outro peão anunciando que Glenn e Dave estão roubando o gado do sul...

— José, leva a senhora para casa! Bandera... tu vens comigo! Vamos! Todo mundo a cavalo! — ordena Kirk.

. . . .

A operação de levar o rebanho de mil cabeças pela estreita garganta que vai dar no rio, não é fácil. O gado, acostumado a que o deixem tranqüilo durante a noite, não obedece nem às vozes, nem ao chicote. Glenn dispara alguns tiros e o rebanho espanta-se e corre desordenado. Alguém grita:

— Vaqueiros de Denbow!

Dave foge e Glenn toma o mesmo caminho pouco depois. Kirk e seus homens avançam para interrompê-los e vêem quando Dave perde a montaria e está à mercê do rebanho em fúria. Grita para Glenn que o salve e como percebe que o rapaz está fugindo, atira, ferindo o filho de Matt, mortalmente. Kirk chega e constatando a morte do primo, ordena:

— Bandera, leve-o para casa.

Os colonos de Kansas e Ohio, ao romper do dia, chegaram com suas famílias e carroças para obter o direito de alcançar a terra prometida através da fazenda dos Denbow. O velho Matt está ao lado de seus vaqueiros armados, com Jane à sua esquerda.

Jane suplica a Matt que não abra a guerra.

— Isto não é assunto que te interesse. Vai para casa! — retruca Matt, desenrolando seu chicote.

E dirige-se a Ezra McCloud, que se dispõe a derrubar o primeiro mourão da cêrca.

— Alto! — intima o velho Matt.

— Não estamos armados, mr. Denbow e não queremos encrencas. Temos que abrir êste caminho para chegar ao nosso destino.

— Morrerá o primeiro que se atrever a entrar nas minhas terras! — ruge o velho Matt.

— Isso é o que vamos ver agora mesmo. — responde o colono, levantando a ferramenta.

O terrível chicote de Matt corta-lhe o rosto... Um jôrro de sangue brota da ferida molhando a camisa e as mãos, porém Ezra é corajoso e forte. Não cede. Volta a apanhar o machado. Seu irmão Glenn e Clayton Vance aproximam-se dispostos a auxiliá-lo no caso de um segundo ataque de Denbow. Matt derruba com um tiro o adversário armado, mas é derrubado também por um tiro.

Jane, hororizada, desmonta e corre, ajoelhando-se ao lado do seu sogro, e vendo-o incapaz de exercer autoridade, ela ordena.

— Martinez, que ninguém faça fogo!

Nisto chegam Kirk e Bandera, galopando como loucos e se apeiam de um salto, Kirk acode ao tio ferido.

— Kirk, mande que os homens atirem. — ordena o moribundo com voz débil.

— Não, Kirk, não! — opõe-se Jane. — E' uma insensatez. Que conseguiremos matando mais gente?

— Não a escutes, Kirk. Que morram êsses bandidos... Onde está Glenn? Êle fará o que estou mandando.

— Glenn está a caminho com seus vaqueiros. — mente o moço.

— E não tardará a chegar. — sustenta Bandera.

— Ainda bem... Glenn... afinal... é... meu filho! — murmura Matt Denbow. E expira.

— Kirk, agora a responsabilidade é tua! — soluça Jane.

— Bandera, diga a teus homens que ponham a cêrca abaixo!

Os vaqueiros cumprem as ordens e as barreiras são vencidas por entre a alegria geral. Kirk olha para Jane e dela recebe um olhar carinhoso e compreensivo, cheio de amor e felicidade. E nasce o sol, como nascia naquele instante uma nova era! — (FIM)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

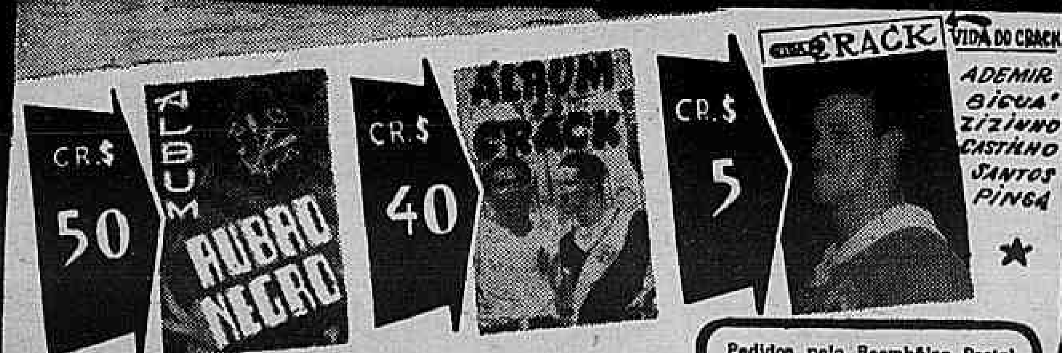
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



Sempre melhorando . . .

a **BANDEIRANTES**

entrega ao Brasil

suas

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6.185 KLCS.

INAUGURAÇÃO EM SETEMBRO



RADIO BANDEIRANTES



a mais popular emissora paulista

PRH-9 - 840 KLCS.

Goal
ESPETACULAR
O
ANUÁRIO do
ESPORTE
Ilustrado
de 1953



PEDIDOS PELO REEMBÔLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO À
CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO